A FESTA DE BALDO,

POEMA MIXTO

EM

OITO CANTOS,

DE

Alvaro Teixeira de Macedo.

Ludo, sed non lædo.

DOAÇÃO DE
C. Lessa
A
1901.12.23
BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORIENTE"

BIBLIOTECA MUNICIPAL
"ORIENTE LISBOA"
Tombo N 31.995
MUSEU LITERÁRIO
31.995

LISBOA,
TYPOGRAFIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA,
RUA DA VINHA N.° 38 (BAIRRO ALTO).

1847.

A FESTA DE BALDO,

POEMA MYXTO EM OITO CANTOS.

Vicente Pedroso
S. Paulo, 26-4-1927

A FESTA DE BALDO,

POEMA MIXTO

EM

OITO CANTOS,

DE

Alvaro Teixeira de Macedo.

Ludo, sed non lædo.

LISBOA,
TYPOGRAFIA DE ANTONIO JOSÉ DA ROCHA, RUA DA VINHA N.º 38.

1847.

DOAÇÃO DE
Orígenes Lessa
A
BIBLIOTECA MUNICIPAL "ORÍGENES LESSA"

DEDICADO

AO

Illustrissimo Senhor Roberto Lucas,

EM TESTEMUNHO

DE

RESPEITO, AMIZADE, E GRATIDÃO FILIAL QUE CONSAGRA O AUTHOR, SEU GENRO,

A

tão bom, e estimavel sogro.

LEITOR BENIGNO,

Não procures defeitos neste poema, olha que os acharás em maior numero do que podes censurar commoda, e competentemente; mas aquelles mesmos (e muitos devem ser), que per si se offerecerem, julga com indulgencia, e com bondade; embora sejas severo. Perdoa as muitas faltas, os muitos erros a quem se esforçou por te dar algumas horas de recreio, e, si o author que creou « Baldo, e Mestre Berto » alcançar tua sincera approvação, e com ella teus sorrisos, conta que no futuro mostrará que os bem merece, estudando, trabalhando, e apparecendo talvez de novo ao teu juizo.

A FESTA DE BALDO.

CANTO PRIMEIRO.

Eu canto a singular festa de Baldo,
Os enredos, os casos que a crearam,
As doçuras que teve, e o seu desastre,
Pela quadra fatal em que foi dada.
Musa risonha, cujo imperio abrange
As serias impressões que nascem d'alma,
E as alegres pinturas da memoria,
Tu, qu'invisivel corres pelo ethereo
Caminho luminoso, e d'elle inspiras
Engenhosas ficções a teus votarios,
Ouve-me hoje pedindo o sacro fogo,
Que sabes conceder quando invocada,
E verás nova offrenda em teus altares,
Nova c'rôa tecida por meus versos.
Mas em quanto estes votos vão subindo,
A' benigna presença que demandam,
Meu plectro esperançoso principia:

Na grandiosa villa de Goyana,
Terreno tropical de Pernambuco,
Morava um escrivão qu'empertigado,
Cleto Baldo, nos autos assignava.
Já seus avós, lançando a mesma firma,
Com provas de lisura dirigiram,
Immensos, antiquissimos cartorios,
D'onde, valha a verdade, as artimanhas,
Tanto d'uso n'officio, eram banidas.
As virtudes porém d'aquelles velhos,
Com elles ao sepulcro não baixaram,
Antes foram sem quebra de valia,
Novo reino apontar nas mãos de Cleto,
Digno herdeiro dos Baldos quasi extinctos,
E capaz de manter seu aureo nome,
Quer nas coisas do foro, quer no trato
Da vida social, e seus deveres.
Quaes eram seus avós, tal foi o neto,
Honrado, escrupuloso, e só ralhando
Contra as modernas leis, decretos novos,
Cujo estylo, dizia, e cujo acerto,
Por mais que désse tratos ao bestunto,
Igual ao dos antigos não achava,
Nem linguagem tão pura, e tão correcta,
Podia n'elles vêr qual se depara
No corpo todo inteiro, e copioso,
Dessas Ordenações do velho reino,
Que ousa a moda ferir com seus desprezos.
Cleto na dura lida do cartorio,
Com alma satisfeita, e resignado,
Seus misteres cumpria gravemente.
Activo, e cuidadoso laborando,

Alta fama gozava d'expedito,
A despeito de loucas novidades,
De Codigos informes, indigestos,
Da confusão, da praxe dessa gente,
Desses juizes de paz que aborrecia,
Pelo muito que o foro transtornaram.
« São juizes de paz, notava Baldo,
» Que entendem que a missão de paz consiste
» Em guerra não fazer a criminosos,
» Em deixar os travessos patriotas
» Só por giras mostrar o amor da patria,
» E em dizer que vieram d'Inglaterra,
» Basbaques que d'aqui nunca sahiram. »
Resistindo a elementos de desordem,
De que o cartorio preservava a custo,
Vida de sabio, Cleto alli vivia
Em casa sua, de seus pais herdada,
Contente de si mesmo, e desfrutando
Tranquilla consciencia, almo thesouro,
Sem o qual não ha solida ventura:
E assim passava os annos mansamente,
Immutavel no trato e nas idéas,
Sem desejos, nem odios oppressores,
Digno padrão do sabio sobre a terra.
De seus modos, feições, garbo e conceitos
A fama que o retrata assim s'exprime:
Cleto Baldo era lhano d'apparencia,
Pallido, magrozinno, calvo em frente,
E antes longo que baixo d'estatura.
Seguia no trajar a moda antiga,
Usava de rabicho, e cabelleira,
Fivella no sapato, e calça curta:

Cincoenta annos contava já passados,
E assim mesmo as comadres sustentavam,
Ser homem de feição, nada maricas,
Capaz de conviver em qualquer parte,
Sem nunca traspassar as leis da honra.
Feliz completamente fôra Baldo,
Pelo doce correr de seus costumes,
Si ás vezes a mulher o não vedasse,
Com varias reflexões insinuando,
Que seu contentamento era sujeito,
A certas esperanças baseadas
Em planos, e desejos d'um futuro,
Que ella só conhecia, e contemplava.
Mas de Clara os desvios innocentes
Graves casos comsigo não traziam,
E o sisudo escrivão, homem cordato,
Estava bem disposto a dar desculpa,
A' queda natural, e primitiva
Com que o sexo gentil, de quando em quando,
Se mostra co'a razão em desavença.
Fôra Clara talvez mulher perfeita
Si um tanto por fofices não peccasse,
Si á voz de vãos impulsos não cedesse,
Como o caso da festa vai provar-nos,
Em que cega teimou vencendo tudo.
Deo-lhe incentivo um grande enthusiasta
Reputado sectario d'Epicuro,
« Mestre Berto, » por todos conhecido,
Homem chão, mas amigo de contendas.
Vaidoso do saber que possuia,
E perito nas artes de mostra-lo,
Digno orador de banco de botica,

De famosos pulmões aquinhoado,
Rhetorico profundo, e bom sophista,
Fôra Berto bem vindo em certa côrte,
Onde muitos senhores de seu toque,
Com estas qualidades vão subindo.
Depois de largos annos de solteiro,
De carreira contente, e sem cuidados,
O peito do escrivão soffreo mudança.
Certo fogo lavrou-lhe nos sentidos,
E agora dedicado ao matrimonio,
Pôz-se em marcha em procura de consorte.
Teve pouco que andar pois em tal busca,
Não s'esfalfa, nem rompe muita sola,
Quem, como elle, dinheiro não pedia.
Falando a seus amigos n'este assumpto
Dizia Cleto Baldo muitas vezes:
« Embora me não creiam, mas é certo,
» Que a tarefa difficil foi na escolha.
» Mal constou que eu pensava em casamento,
» As bellas em Goyana se alvorotam,
» Qual sedenta manada ao som das nuvens,
» Por saberem que o dote qu'eu queria,
» Era simples bom senso, e não patacas.
» Homem de nova especie em mim contemplam,
» Diziam entre si » não quer dinheiro, »
» Quer mulher de prudencia, quer juizo. »
» E todas largamente se dotavam,
» Da riqueza estupenda que eu pedia!
« Quanta ruim galhofeira tinha a villa
» A luva me apanhou, que eu no deserto
» Julguei haver lançado, ao pôr-lhe o preço
» De ser para mulher de bom juizo:

» Em sitio conchegado me puseram,
» Mas bem certo no logro s'escolhesse,
» Encommendei-me a Deos, fechei os olhos,
» Rendí-me á discrição a Dona Clara,
» E acertei, penso eu, que por engano. »
Dona Clara, morena, rosto alegre,
Olhos pretos, altura além da marca,
Affavel, serviçal, boa visinha,
Era mulher que a todos agradava.
Seu pai homem de bem fóra mascate,
E sem rival vendia pregoando
Quanta chita espantada vio Goyana,
Quanta cassa, filó, ou seda verde
A gente de bom gosto allí trajava.
Nas missas, nos presepios luminosos,
Nos passeios á fresca domingueiros,
Podia Guimarães, o pai de Clara,
Dizer afoitamente, e com vaidade,
« Metade, ao menos, do esplendor me devem. »
Já porém quinze annos decorriam,
E o pacato escrivão inda sem prole,
Contente envelhecia entre os amigos,
Sempre hostil, sempre avesso ás novas coisas,
E no trato diario sempre o mesmo.
Prudente por systema só gastava
Das propinas um quarto mais, ou menos,
Causando tal modestia alguns enfados
Por ir de encontro aos planos da senhora.
Deste casal a chronica refere,
Que amavel era Cleto, que a matrona
Fazia alto conceito de si mesma.
« Oiço contar » dizia muitas vezes,

A' visinha com quem soltava lingua,
« Taes coisas, taes historias de mulheres,
» Que a ser homem de certo não casava.
» Olhe, amiga, que as ha de todo o lote,
» Singulares, e asperas em tudo,
» Unindo certas baldas ao semblante:
» As bonitas são cheias de vaidade,
» As feias, de ordinario caprichosas,
» São de todas as mais impertinentes,
» Não ha subido preço que as affronte
» Com tanto que enfeitadas appareçam.
» Dos zelos o furor suggere a muitas
» Projectos infernaes, negras vinganças.
» Ha mulheres que nunca estão contentes,
» Ha mulheres que nunca tem saúde,
» Ha mulheres, emfim que até pancadas
» Não se acanham de dar quando raivosas.
» O' que dita tiveram nossos homens,
» E que riscos da sorte não correram? »
» Eu, e o escrivão vivemos tão unidos
» Que até, mal comparando! si algum dia,
» Na grave procissão da quarta feira,
» Faltasse o bento andor dos bem-casados
» Melhor que nós ninguem o figurava. »
» Eu e Cosme, a visinha replicava,
» Tambem vivemos como a igreja manda.
» Não se encontram na villa outros casados,
» A não ser Dona Clara e seu marido,
» Que comigo e meu Cosme se comparem,
» Na perfeita harmonia, e paz completa.
» Cosme não tem vontade excepto a minha,
» Assim, nunca ha motivos de contenda.

» Si digo, faça-se isto, elle obedece,
» Si exprimo, quero est'outro, amen responde,
» Si alguma rara vez de mim differe,
» Por amor do socego logo cede.
» Vêde pois, Clara minha, si é possivel
» Que alguem nos leve a palma cobiçada
» De termos mais bondades que defeitos? »
Falando bem de si com tal desgarro,
Largas horas duraram as conversas
Entre as duas matronas de janella,
E mutuamente assim se iam soprando
Centelhas de vaidade que mais tarde,
Em Dona Clara incendio produziram,
Que teve desafogo em nobre festa,
Como o leitor verá no proprio tempo,
Si almo engenho tiver e faculdade,
Para em tudo narra-la como devo.
Contiguo a Cleto Baldo residia,
Um loquaz boticario, amigo velho,
Chronista social de toda a villa,
Politico adherente ao que era antigo,
Do ruidoso gamão parceiro eterno.
Em casa sua ás tardes se juntavam,
Diversos moradores de Goyana.
Allí o juiz de paz, o bom vigario,
O juiz de fora, e outros mais senhores
Discorriam ardentes, todos juntos
No Bispo, em Luiz do Rego, bem lembrado
Capitão general que allí mandara,
Nas passadas revoltas da provincia
Com seus heroes, ineptos e burlescos.
O Mirabeau porem de tal concurso,

Era um mestre d'escola cujo nome
De Roberto passou a « mestre Berto. »
Terrivel confusão, vasta leitura,
A mente lhe traziam sempre accesa,
Em planos, em discursos, em systemas,
Que frequente estampava a seus amigos.
Perdido pelos gozos desta vida,
Sem pode-los haver da tenue bolsa,
Vingava-se em viver do pasto d'alma,
Em trovejar contra a fraqueza humana,
Em pregar as doutrinas d'Epicuro,
Proferindo discursos engenhosos,
Ora serio, eloquente, e arrebatado,
Ora vulgar, raivoso, e desmedido,
Sem tento nas palavras que dizia.
Berto porém como outros opinava,
Que esta seita consiste unicamente,
Em passar vida alegre, e sem cuidados,
Sem offensa de Deos, das leis do mundo.
E com taes pensamentos agradaveis,
Com systema tão bello, e tão plausivel,
Trazia n'um marulho a fraca mente,
Da mulher do escrivão que tanto orçava,
Para o gosto de festas, e banquetes.
Oh! quem vira Roberto em seus delirios
Do grego louco as scenas revivendo,
Sempre feliz em sonho de prazeres,
Fantasiando quadros de ventura,
E ás vezes de tal modo arrebatado,
Aos entes que creava tão entregue,
Que os meninos na escola resmungando,
A seus olhos amigos pareciam,

Reunidos allí por convivencia!
Este homem singular da nobre villa,
Tinha nella sectarios numerosos,
Gracejando, ralhando em seus discursos,
Contra o tibio viver de alguns senhores,
Achava nas matronas echo immenso,
E fortes sympathias entre os moços.
A mulher do escrivão principalmente,
Nunca ensejo perdia d'escuta-lo,
A ponto crú das horas de conversa,
Quer chovesse, quer não, sempre ao postigo,
Qual freguez assignante de Theatro,
Vinha escutar as falas de Roberto,
E depois em silencio as ruminava,
Com fito sempre na futura festa.

FIM DO CANTO PRIMEIRO.

A FESTA DE BALDO.

CANTO SEGUNDO.

Na botica uma tarde, entre os amigos,
Começára o vigario palavroso
A falar em materias complicadas,
Admirando os patáos, que se benziam,
De seu grande saber, vasta memoria.
Vibrava em alto som o gordo padre
Contra o que elle chamava alegre vida,
Vida de esquecimento do outro mundo,
De prazeres, farandulas sem conto,
A que correm humanas creaturas,
Quaes crianças atraz de borboletas.
Dizia ser loucura, ser chimera,
Buscarem os mortaes gozo do mundo,
Como si nelle eternos habitassem;
Como si a morte, e os jogos da fortuna,
As molestias, desgostos e cuidados,
Não viessem toldar a cada instante

No cális do prazer a lympha pura.
« Amigos, » exclamava compungido,
» Esta vida não chega nem a netos! »
» Bem faz nosso escrivão, sisudo e parco,
» De quem nunca se contam desvarios,
» Cóme para viver, simples se traja,
» E os bens que herdou, e os bens que ajunta, guarda
» Para um dia lega-los á pobreza.
» Vêde que não derrama seus haveres
» A trôco da cobiça dos sentidos.
» Nunca deo cem mil réis por um ginete,
» Nem ricos apparelhos tem da India. »
Assim longo falou contra as delicias
Por que os homens na terra tanto almejam;
Citou sanctos prelados, e poetas,
Citou Platão, Diógenes, Lycurgo,
E outras mais personagens citaria,
Si a torrente sem fim lhe não cortasse
Importuno, freguez azafamado,
Um caustico pedindo em voz de tiple.
Cançado mestre Berto das miserias,
Anachronismos, erros que escutára,
Confusão de pesssoas, e lugares,
Em homem cujas letras tinham fama,
Insoffrido soprou nasal trombeta,
Tirou da caixa enorme ampla pitada,
E tomando a palavra assim rebenta:
« Senhores, grande coisa é ser vigario
» Em terras de ignorancia como a nossa!... »
« Perdôe, mestre Berto, » diz o padre,
» Deixe a materia, ataque só a forma;
» De principios tratamos, não de factos. »

« Quaes principios, » responde o pedagógo,
» Que quer dizer principios sem effeitos?
» Pois não são elles regras para os homens?
» E Vossa Senhoria por ventura,
» Não veio criticar os nossos actos,
» Não ralhou contra factos por principios?
» Preso em seu proprio laço, » grita Cosme,
» Foi tudo raso, tudo causticado!... »
» Em fé de boticario agora digo,
» Que senti meus remorsos, inda ha pouco,
» De haver tido ao jantar perú de forno,
» Em vez de reparti-lo co'a pobreza. »
Riram-se todos, e amainado o riso,
Prosegue Mestre Berto argumentando:
« Que rígido ermitão, pobre e tristonho,
» Vivendo além da raia dos humanos,
» Desprezando affeições e bens da terra,
» Me viesse prégar despego d'elles,
» Com paciencia talvez o escutaria,
» Sem louvar o máo gosto, e grande asneira
» D'aquelle que a si proprio se maltrata.
» Porem, senhores, contra convivencias,
» Contra innocuos prazeres quem pragueja?
» Quem hade em tal bordão ferir primeiro?...
» Um vigario bem nedio, e rubicundo,
» Amigo certo de lauta, alegre mesa,
» Com rica, variada e fina adega.
» Um clerigo feliz que não rejeita
» A doçura do mel, sabor das frutas,
» O peixe delicado, as gordas aves,
» Que insigne cozinheiro lhe prepara!...
» Sem falar nos presentes que recebe

» De bellos alfinins, de trouxas d'ovos,
» Que á porfia lhe mandam seus freguezes.
» Um senhor conhecido nas estradas
» Pelos nobres cavallos que apresenta,
» Pelos pagens garridos que o escoltam,
» Que joga, toca, brinca, bebe, e canta,
» Não pode condemnar terreos prazeres.
» Quando o Eterno creou do nada o mundo
» Foi com sorrisos, com benigno intento:
» Symb'lo de sua luz cravou na esphera
» O sol da natureza, o rei dos astros,
» Tão bem-fazejo dom, raios tão vivos,
» Não é justo pensar que foram feitos,
» Sómente para expôr nossas miserias.
» Quem tal suppõem não sei como combina
» Systema tão ignobil, e mesquinho,
» Com a face risonha deste mundo,
» Alegre, ameno, rico e magestoso!
» Contemplemos, senhores, d'aqui mesmo
» Os soberbos paineis da natureza. »
(E assim dizendo, Berto principia
Com ar mais commovido estas palavras:)
« Alli tendes aquelle espesso bosque
» Onde as auras passando se perfumam,
» Coadas pelas folhas do jambeiro,
» Cujo fruto, marfim, parece ao longe;
» Onde mil aves cantam de concerto,
» Cada qual na plumagem mais formosa;
» Onde cresce o madeiro americano,
» Que os antipodas sonda co' as raizes,
» E ao ninho do trovão co' a copa attenta.
» Vêde as flores, o jerro crystalino

» Ao pé da calva rocha rebentando!
» Dizei-me, si estas scenas se conformam
» Do vigario com as maximas austeras,
» Si theatro que ao pranto destinasse
» Havia o Creador vestir de galas?...
Aqui de Berto a côr no rosto dobra,
Na mente mil idéas se congregam,
E todos escutavam recolhidos.
Infeliz fôra então do enfermo a sorte,
Si remedio quizesse áquelle instante,
Podia arrebentar ao desamparo
Que a receita voltára sem ser lida.
Depois de curta pausa mestre Berto
Foi d'esta arte seguindo em seu discurso:
« Quando a celeste mão da Providencia
» Tantos gozos benigna nos off'rece,
» O recommendar sempre ensôssa vida,
» E' rejeitar os dons que um Deos outórga.
» Quem aos olhos nos deo taes panoramas,
» Quem os bosques enchcó de alegres córos,
» Quem os campos vestio de tantas flores,
» E ao paladar nos deo tão varios frutos,
» Não exige, de certo, a troche moche,
» A louca privação destes prazeres.
» Senhores, não julgueis irreflectidos,
» Que dos bens que gozais o Céo se offenda,
» Ou que só ganhará perenne gloria
» Quem no mundo viveo logrando pouco.
» A purpura brilhante dos monarchas,
» O solemne esplendor de claras mitras,
» O fulgor dos salões, e das baixellas,
» Não fecham lá dos Ceos a eterna porta.

» Que Tito e mais Diógenes viessem,
» Pleitear nesta casa sobre o voto
» Que um dos dois por mais digno declarasse:
» Qual de nós que aqui estamos ousaria
» Ao cynico severo dar a palma?...
» Tito, delicias, e do mundo gloria
» Desfrutou altos bens, morreo chorado,
» Seu nome val o mesmo que — virtude. —
» Contraposto Diógenes em tudo,
» Que fez para lhe darem tanta fama?
» Offendeo sem razão a raça humana,
» Metteo-se n'um tonel como salmoira,
» E do grande Alexandre que o contempla,
» Regeita com frieza a pura offerta.
» Não me dirão que valem taes arrufos,
» Que proveito, ou moral d'ahi tiramos,
» Que triumpho p'ra Deos, e p'ra nós mesmos?
» Não se offusca a virtude com riquezas,
» Nem ao vicio dão gloria ascosos trapos.
» Aquella é sempre a mesma inda que brilhe,
» Este por mais humilde é sempre torpe.
» Quanto a mim nunca pude achar nobreza,
» N'um marmanjo qualquer de quem me contam,
» Não gostar de pasteis, ou trouxas d'ovos,
» Preferir suja roupa á bem lavada,
» Ou beber agua chilra em vez de vinho.
» Mas eu devo senhores, diz Roberto,
» Combater o vigario em seu terreno. »
Aqui os seus ouvintes se assoaram
A' esquerda, á direita vão narizes,
As caixas de rapé tambem circulam.
Muitos trocam de sitio, e pôem-se em frente

Do padre que algum tanto estava sério,
Outros querem ficar defronte a Berto,
Outros buscam assento ao pé de Cosme,
Mas todos pouco a pouco se aquietaram.
O orador, pondo os olhos no vigario,
Vai submisso dizendo estas palavras:
« Do proprio Céo o exemplo de alegria
» Baixou primeiro ao mundo que habitamos.
» Quem foi que collocou no paraiso
» Nossos primeiros pais, entre prazeres,
» Entre vergeis, e frutos deleitosos?...
» Quem mandou a Moysés que promettesse
» Terras de leite e mel a um povo inteiro?...
» Quem dêo de mão aos pobres invocados
» Para brando acolher a mulher pia?...
» Quem se achou n'uma bôda milagroso
» As aguas puras convertendo em vinho?...
» Senhores, vós sabeis de Quem vos falo,
» E deveis deduzir de taes exemplos,
» Que a doutrina que sigo está fundada
» Não só em bons principios entre os homens,
» Mas em divinas obras, e palavras
» Do Mestre dos Doutores mais famosos.
» E si a razão do Ceo é mais sublime
» Do que a humana razão incerta e fraca,
» A qual das duas deferir devemos?
» Qual de nós de máo grado acolheria
» O amigo que viesse á nossa festa,
» Por haver dias antes n'outra parte
» Gozado com sabor algumas horas?
» Basta, senhores, basta de argumentos,
» Perdoai, si a grandeza deste assumpto

» Levantou a sincera voz de Berto
» Um pouco alem dos themas de Botica.
— A vida é curta, — affirma o bom vigario,
Sim, é curta, e trinta annos bem a medem,
« Mas a Lei que a regula é muito simples,
» E não ha tabaréu que a não conheça.
» Vivei, senhores, pois, vivei contentes
» Sem remorsos á sombra da figueira
» Que deo a cada qual fortuna amiga:
» Lembrai-vos só, no meio de delicias,
» Que alguem mais tem direito aos bens da terra.
» Não fujais ao festim a que vos chamam,
» Porem ao som dos copos rutilantes,
» Da mesa hospitaleira entre os manjares,
» Cheguem-vos sempre aos peitos caridosos,
» Abalos da virtude honesta, e simples.
» Ninguem se esqueça do triste orphãosinho,
» Da misera viuva desvalida,
» Do mortal, nosso irmão, que a fome aperta.
» Não fujais dos festins a que vos chamam,
» O Deos vivo sem ira delles fala;
» E longe de feri-los com dureza,
» Em sublime conselho nos ensina:
— Não tomes no banquete o lugar de honra —.
» Eis-aqui, ó senhores, meu systema.
» Graças pela maneira porqu' ouvistes,
» Tão roucos brados sem mostrar fastio,
» Mas, si alguem nesta roda não approva
» A seita d'Epicuro qual a prego,
» Pode falar, dizer seu pensamento
» Que a luva da contenda não rejeito. »
Assim Berto findou seu desabafo,

Entre os vivas, e applausos do auditorio,
Com tal enthusiasmo, e tal effeito,
Que até o mesmo vigario bateo palmas;
E o velho boticario distrahido
Pelo estranho discurso que escutava,
Tambem nem conta deo que o seu gatinho,
Trepado no balcão ao pé de todos,
Lhe lambeo bem lambida uma tigela
De custoso xarope que esfriava.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

A FESTA DE BALDO.

CANTO TERCEIRO.

A MULHER do escrivão, que tudo ouvira,
Sentio lavrar-lhe a mente um vivo raio,
As palavras de Berto lhe soaram,
Qual echo sybillino de outras eras,
Que mortaes vacillantes animava.
Nunca, té li, achara um só vivente,
Que com suas noções tanto quadrasse.
Linguagem tão viril, tão sem rebuço,
Lhe dissipou as dúvidas que tinha,
E que o plano teimosas lhe enredavam,
D'um viver mais á guisa de Epicuro.
Brilhava no entretanto o disco argenteo,
De lua tropical que dobra o dia
Mostrando, qual o sol, as coisas todas.
Eram horas do chá quotidiano,
E breve da cozinha a tosca preta,
De cinzas empoada se apresenta

Co'a roçada bandeja, e prisco bule.
O marido, e a mulher juntos á mesa,
A chicara, a compasso, vão sorvendo,
Falando em coisas de pequena monta.
Mas Clara deo taes voltas á conversa,
Que, a final, veio á balha mestre Berto,
E o discurso que fez naquella tarde.
Então, senhora, estavas escutando?
Pergunta Cleto Baldo á sua dama,
« Pois falou em costuras mestre Berto,
» Em coisas de cozinha, de despensa,
» Ou em outros assumptos que mais valem,
» Para donas de casa circumspectas?
» Com tudo não me custa o desculpar-te,
» Pois na verdade Berto é divertido,
» Sem embargo das faltas que o rodeam,
» E da balda que tem por seus discursos.
» Porem isso é molestia que hoje lavra,
» Neste vasto Brasil onde prosperam,
» Os que tem a mercê de falar muito.
» Mas chiton! que essa gente é poderosa.
» Si o que sei delles bafejar me ouvissem,
» Adeos pobre escrivão, adeos cartorio! »
« Ver-me-ias perseguido sem piedade,
» Por fazer commentarios indiscretos,
» Contra aquelles que vivem de discursos,
» Senhores de poder, e de riquezas. »
« Que dizes? interrompe Dona Clara,
» Pois devéras, palavras dão dinheiro?
» Dão arêngas poder, e cabimento?...
» Como é isso? pois ha quem dê patacas,
» Por discursos assim como os de Berto,

» E tu áquelle pobre nada dizes?
» Sabendo de tal mina de caroço,
» Como deixas tu mesmo de sangra-la?
» Que indolencia, meu Baldo, antes queres
» Do cartorio aturar a insulsa vida,
» Que em riquezas nadar, ganhando fama?
» Recorda teu latim, teu Carlos Magno,
» Recheia de palavras a memoria,
» Engrossa-me essa voz, fala de papo,
» Já que fortuna, e fama assim s'alcançam.
» Quem pudera, si a tanto a lingua serve,
» Desta que Deos me deo fazer-te brinde! »
Assim a boa Clara aconselhava,
Quando o marido, mal contendo o riso,
Com ar de pedagôgo lhe replica:
« Valha-te Deos, mulher, pois tu não sabes,
» Que certa gente só, que o povo escolhe,
» E' que tem o direito precioso,
» De trocar palavrões por bom dinheiro
» Em recintos á palra consagrados?
» Bem vejo que de balde, te recito
» As doutrinas que trazem as gazetas,
» Pois que o fio de tudo logo embrulhas.
» Por te eu dizer que os faladores lucram,
» Crês, que a burra não encho por molleza,
» Que prefiro o cartorio por máo gosto!
» Recommendas taes coisas, taes estudos,
» A saber tal reduzes quanto sabem,
» Esses que o povo nosso agora elege,
» Que si algum delles tanta affronta ouvisse,
» Mulher, não te quizera estar na pelle!
» Inda quando eu tivesse na cabeça,

» Nós tambem, imitando aquelle reino,
» Ao clero nosso vamos dar mulheres,
» Pois *padre* quer dizer um pai de filhos. »
Percebendo mui bem a boticaria,
Que o escrivão zombava da materia,
Chamou-o de judeo, como é costume,
E na charla sem fim vai por diante:
« Não sabe que encontrei na visinhança,
» Mestre Berto com ar afadigado,
» Aposto que hoje houve na botica
» Contestadas questões, graves discursos?
» Advinhou comadre, » torna a outra,
» Largas contendas se travaram hoje
» E, tão bem, por sinal, falou Roberto,
» Que applausos teve até do bom vigario,
» Contra quem seu discurso mais versára. »
Em quanto estas sentenças variadas,
As damas proferiam conversando,
Roncava no espaldar de gran cadeira,
O sensato escrivão adormecido,
Pelo zum-zum da discussão profunda.
Encerrava-se a noite, e pelas ruas,
Os pregões já cessavam; era tarde,
E as comadres por fim se recolheram.
Cleto cahio no leito acostumado,
E o somno da poltrona foi com elle.
Assim dorme o varão, singelo e justo,
Da consciencia em placido remanso,
Sem pezar por anhelos não cumpridos,
Sem nocturnos fantasmas que lhe lembrem,
Promessas não guardadas, golpes duros
Na face da justiça, qual antolham

Indignos patriotas, máos ministros,
Pelas horas do somno disturbados.
Mas, Clara cuja mente estava cheia,
Dos brados eloquentes de Roberto,
Em rosadas ficções a noite gasta.
(Feliz disposição desta alma nossa,
Deste sopro qne gyra em meio mundo,
Capaz de ver, d'ouvir, e gozar tudo,
Em quanto o breve corpo que o encerra,
Se diz que dorme, ou quasi que não vive!)
Mal ao mundo real fechara os olhos
Que os torna a pôr em scena imaginaria.
Sonhos do que de dia traz na mente,
Fazem-lhe ver em grandiosa festa,
Magnifico palacio onde circula,
De amigos conhecidos vasta roda.
N'um salão com damasco nas paredes,
Estava toda a gente folgazona:
Cleto de barba feita, e calção curto,
Dançava prazenteiro, e todo ufano,
Com velha arrebicada, e presumida,
Que em funcções té de sonho apparecia.
Fofos pintalegretes, e peraltas,
Esperanças da patria, e dos lugares,
Madeixas *á brigand*, barbas de bode,
Se viam exercer namoro aceito,
De certas donzellinhas do festejo,
Que por estes rivaes de alpestres monos
Tinham tanta affeição, quam pouco siso.
N'outra sala contempla Dona Clara,
Lauta mesa, coberta de manjares,
De bellas frutas, doces delicados,

Finos licores, competentes vinhos.
Mestre Berto, o vigario rubicundo,
Dona Fausta, o juiz, o boticario,
As pessoas, emfim, de maior senso
Em redor figuravam assentadas,
Com risonhas feições, ares de gosto,
Alçando os copos entre mil saúdes.
Bem querer, e franqueza sem limite
Alli tinham logar de cortezia.
Cada qual se servia a si primeiro
Sem pensar que ao visinho désse offensa.
No meio dessa mesa, rica e farta,
Lindo quadro s'erguia em mastro d'oiro,
Onde Clara cuidou ler doces versos
Em honra de seu nome, e seu consorcio.
No entretanto o escrivão roncando á larga,
Passava as trevas no melhor dos somnos,
Té que raiando a fresca madrugada,
Ao chilro das velozes andorinhas,
Os dormentes consortes dispertaram,
Entrando cada um no pensamento
Das coisas, que acordado, ponderava.
Mas por que te affligiste, ó Dona Clara,
Vendo fugir-te a gloria em que te achavas?...
Os bailes verdadeiros tambem cessam
Quando surge o clarão do pai das luzes:
Si é ser feliz acreditar que o somos,
Gozaste de uma festa, muito embora
Imaginaria foi, gozaste della.
De preferir serão realidades,
Sem sabor, e grosseiras muitas vezes,
Ao igneo toque de illusões formosas? . . . .

O que é real nò globo que habitamos
Não é bem claramente a melhor parte,
Salvo a pura verdade, e bons amigos,
Ferreo querer nas artes da virtude.
O mais que vês na fôfa sociedade,
São clavinas d'Ambrosio, loucas petas.
Convenções, leis, direitos, juramentos,
Hoje não ligam, a ninguem protegem;
São gamberrias, são laços movediços,
Com que a geito se prende o nescio povo,
Em cujo nome reina tanto crime,
Tantas baixezas vingam sobre a terra,
E taes realidades contemplamos,
Que a bellas illusões eu mais me inclino!...
Tu perdôa, leitor, si acaso estranhas
Estes fios escuros, interpostos
No garrido fabrico que esperavas.
O quadro mais gentil, e o mais alegre,
Em belleza não perde, ou grato effeito,
Co' a mistura de sombras esparzidas
Por entre as vivas côres que o animam.
Mas do erguido escrivão, e da consorte
Vamos seguindo a prazenteira historia:
Depois que no cartorio aquelle dia
Foi Baldo trabalhar no seu officio,
Não cessa Dona Clara um só momento
De reflectir no sonho que tivera,
E com elle fisgado na lembrança
Mal podia cuidar em outro objecto.
Nisto a boa comadre boticaria
Lhe grita do postigo em guincho agudo:
« Ora viva quem hoje faz seus annos,

» Aposto que já delles se esquecia?
» Pois olhe, nesse ponto eu ando álerta,
» E por sinal completa os trinta e sette! »
Trinta e sette! « diz Clara, é bem verdade,
O tempo vôa, e nós ficamos velhas! »
Tendo dado á traméla um bom pedago,
Despediram-se em fim, por ser forçoso
Dos governos da casa ir occupar-se.
Nestes mesmos, porém, vai Dona Clara
Ruminando em seu plano favorito
De abolir do marido o máo systema,
De acanhado viver, pobre, e rançoso.
A recente illusão daquella noite,
E a lembrança do dia dos seus annos,
Mais e mais no proposito a confirmam:
Resolveo pois na mente decidida
Encetar a carreira de reformas,
Quando feliz chegasse o anniversario
Do dia em que ao altar foi conduzida.

FIM DO CANTO TERCEIRO.

A FESTA DE BALDO.

CANTO QUARTO.

O TYRANNO desejo caprichoso,
Principio enganador do peito humano,
Quem vive, que de ti não tenha offensa?
Quem morre, sem ceder a teus impulsos?
Cego motor de acertos, e loucuras,
Que prole desigual não dás ao mundo?
Assim d'uma só fonte mil regatos,
Passando por terrenos differentes,
Com aguas alteradas vão correndo;
Mas o tosco pastor que as avalia,
Não deixa que de todas beba o gado,
Apesar de nascerem d'um só berço.
Assim onde a razão, certeira e justa,
Com rigido compasso, olho seguro,
Não pôem baliza ás ambições do mundo,
Dispára o homem na veloz carreira,
Que a vontade faz ver amena e breve;

E si, ás vezes, attinge o bem que busca,
Palma de heroe, ou civica grinalda,
Outras vezes esfalfa, cahe prostrado,
Ou torna arrependido, e vergonhoso,
A' mesma raia que transpôr não deve.
Sentia Dona Clara ardente anhelo,
De affrontar no escrivão toda a modestia,
De alterar a serena paz de Cleto,
Ainda á custa de gigante esforço,
Quer que o marido seu perdendo o siso,
Se abalance, com ella, á grande empreza
D'uma estrondosa festa anniversaria.
Em tal idéa sempre cogitando,
Occasião procura apressurada,
De a propôr, discutir, e dar-lhe effeito.
Já tres vezes o sol nascendo ao longe,
Tinha ouvido rugir o fero toiro,
Que á porta do curral, tremendo esparge,
Do grosso corpo as lagrimas nocturnas;
Quando Clara bem firme em seus intentos,
No quarto do escrivão tomou cadeira.
Hesitou, em silencio, alguns momentos,
Mas rompeo, a final, no grato assumpto,
Dizendo cautelosa estas palavras:
« Tenho ouvido a pessoas entendidas,
» Presadas de saber philosophia,
» Que, entre tantos systemas conhecidos,
» Sobre o viver feliz cá deste mundo,
» A doutrina melhor, e mais sensata,
» E', com justa razão, a de Epicuro,
» Que nos manda passar vida contente. »
» Mulher, diz Cleto Baldo, é já bastante

» Ouvir prégar a Berto por seus labios
» Sobre loucas theorias, e projectos
» De tornar mais feliz a vida alheia,
» Sem que tu, repetindo seus dizeres,
» Me venhas desfiar iguaes arengas. »
» Qual Berto, grita Clara em meia raiva,
» Pois só elle é quem fala nessas coisas?
» Ninguem mais do que Berto raciocina?
» Tu, eu, e a mais gente, por ventura,
» Não temos juizo nosso, e razão clara?
» Não podemos notar o que sentimos,
» Sem licença de Berto, e da botica?!
» Proponho-me hoje expôr materia grave,
» Unida á sorte nossa, á nossa estrella,
» E' preciso, por tanto, que me escutes,
» Com civil attenção qual te mereço. »
Não bem findas estavam taes sentenças,
Que ao postigo apparece o boticario,
Fazendo retirar, inopportuno,
A dama angustiada que o corteja,
Como quem d'allí vê-lo se offendia.
Então, entre os compadres galhofeiros,
O seguinte dialogo se trava:
« Viva, meu escrivão, que assim madruga! »
— Melhor vive, porém, quem Deos ajuda. —
» Queixe-se lá, visinho, que isso é ronha,
» Sabemos o que rende um bom cartorio. »
— Olhem quem fala, o homem das pharmacias,
» Botica, e mina d'oiro é quasi o mesmo.
» Dá mais um pote d'agua ao boticario,
» Que bala de papel rende ao cartorio,
» Mas acabe-se aqui este gracejo,

» Diga, compadre Cosme, o que ha de novo? »
Boas coisas, por isso eu vim tão cedo. —
» Boas coisas! tivemos outra rusga! — »
» Já não é novidade, meu amigo,
» Essas rusguinhas entram no systema
» Da feliz liberdade que gozâmos.
» Não sabe o senhor Cosme que hoje é moda,
» Repetir-se o chavão, insulso e louco,
» Que é preciso ser livre, muito embora,
» Entre sustos, desordens, e matanças!
» Não seja refractario, adore a *sancta*
» *Periculosa patriæ liberta*., »
Deixemos o latim, » lhe torna Cosme,
» Nenhum de nós é padre que o entenda,
» E os muitos pescoções que levei n'aula,
» Não puderam com elle congraçar-me.
» Basta, para flagello de meus dias,
» Que alguns doutores novos não sei d'onde,
» Me escrevam em latim suas receitas:
» Em vez de um simples, — faça cosimento, —
» Que o praticante entende, e logo aprompta,
» Me vem moxinifada em latinorio,
» *Fiat mistura quæ sumenda hôra*
» *De cubitu, quotîdie*, e outras verbas,
» Que o pobre não percebe, e me atrapalham. —
— « Pois bem, volve o escrivão, em nossa lingua
» Continue a contar-me a sua historia. »
— « Eu dizia, si acaso bem me lembro,
» Que a liberdade é como poltro novo,
» Onde sobeja sangue, e falta freio,
» E que senhor de campo sem limites,
» Ora o pisa modesta, e mansamente,

» Ora agitado e cego se despenha,
» Salta por tudo, e tudo aos pés acalca;
» Mas sempre bello, sempre airoso á vista. »
— « Essa comparação de certo he boa,
» Brilhou, senhor compadre, lavre um tento,
» Porque da liberdade que hoje reina,
» Só nos cumpre fugir aos grandes couces
» Que dispara, qual besta furiosa,
» Aos incautos que a seguem mui de perto.
— » Comtudo, volve Cosme, não me queixo,
» Porque os males que os povos vão soffrendo,
» Co'a livre agitação de que me fala,
» Augmentam-me as receitas na botica.
» As fadigas, feridas, e vigilias,
» Ajuntam-me os freguezes, que em paz pôdre
» Stariam de saúde, e de mim longe;
» Emfim por esse lado não murmuro.
» Mas de que servem lucros, que não posso
» Desfrutar, a meu gosto, em segurança?
» O! claros dias! O! saudosos tempos!
» Esses de paz, que os nossos velhos choram,
» Porque livres gozavam da existencia!
» Quem era honesto, justo e acautelado,
» Via correr os sóes, passar as luas,
» Sem que o aureo bastão da authoridade,
» Lhe fosse perturbar o seu descanço:
» E quando o raio do poder baixava,
» Qual o do ceo, feria altivas torres
» Sem tisnar os modestos aposentos
» De cidadãos que a lei obedeciam.
» Não gemia sem causa o manso povo,
» Individuos soffriam, por ventura,

» Mas de mal passageiro, e destacado,
» Não de horrendo contagio que devora,
» Que a todos vai ferindo em sua marcha.
» Cingia o general tremenda espada,
» Nos dizem patriotas de hoje em dia,
» Porém, compadre, estava na bainha.
» Quantas vezes, naquelles doces tempos
» Vimos nós disturbada a paz do povo?
» Percorra as taboas da memoria e diga,
» Quantos somnos perdeo, ou quantos golpes
» Recebeo das justiças que reinavam,
» Nessas eras felizes que não voltam?
» Mais séria accusação, nos velhos d'hoje,
» Ao systema actual fazer podemos! . . .
» Desde que a santarrona liberdade,
» Entre nós, collocou seu falso throno,
» Perdemos nossa paz, nossa ventura.
» Nasceram mil deveres patriotas,
» Que mal cumprimos com temor de multas.
» Vimos o povo ser conjunctamente,
» A fonte do poder, e objecto delle.
» Vimos odios nascer de vans promessas,
» E a lei fundamental que *nós* fizemos,
» Depois de triste prova, ficar sendo
» Doutrina celestial p'ra livro d'oiro,
» Mas não para alcançar *felicidade*,
» Que, sendo o fim, dá palma d'excellencia
» Ao governo qualquer que a traga aos povos.
» Malicia, ou erro torpe é dar conceito
» A fugazes palavras, não á factos,
» Ao lusido instrumento, e não á obra.
» Dizem que as leis antigas eram cruas,

» Porém, meu Cleto, nunca me opprimiram;
» Oppressão vemos nós sahir das novas.
» Que a peçam não direi, mas alto affirmo
» Que a trazem, e, p'ra mim, é quanto basta.
» Guerras civís, insultos, roubos, mortes,
» Só nos cercam depois que ellas triumpham.
» No reino seu nós, velhos, recebemos
» As primeiras lições de despotismo.
» Falai cidades, campos, e montanhas,
» Provincias do Brasil falai comigo,
» Que eu vou do Amazonas dar no Prata,
» Os olhos pondo em leis, muitas e bellas,
» E os pés em muito sangue, e feros crimes! . . .
» Mas factos nada podem com theorias,
» E d'esta arte nos pregam certos homens,
» Que hoje, sim, somos livres, e felizes,
» Que já temos jurados, garantias,
» Leis de paz, presidentes, deputados,
» E que muitos abusos já não vemos! . . . .
» Emfim, senhor compadre, o que quizerem. »
Assim o boticario censurava,
Com grande sem razão, as coisas d'hoje.
Balda de velho que se apraz teimoso,
Em doirar a memoria do passado,
Que quando foi presente vio as farpas
Que outros velhos queixosos lhe arrojaram.
Caducante mortal accusa o tempo
Das mudanças que, em si, vão succedendo.
Mil vezes o tristonho octagenario
No iris de hoje vê turvadas côres
Sem se lembrar que a vista lhe fraqueja.
Taes, comtudo, os compadres discorreram,

E depois da consulta dos relogios,
Máo grado seu, então se separaram.
Dona Clara, que perto vigiava,
Impaciente esperando as despedidas,
Entra de novo, e segue resoluta:
» Tu sabes, que apesar d'eu não ser tola,
» Tenho pouca lição, e pouco entendo,
» Além das coisas que ao meu sexo importam.
» Cuidando unicamente no governo,
» Da casa que puzeste ás minhas costas,
» Raros instantes de ocio me sobejam,
» Para illustrar-me com estudos graves.
» Tal é, comtudo, a força da evidencia,
» Que só pelo que ouvi a mestre Berto,
» Sobre o grande systema d'Epicuro,
» Estou disposta, meu Cleto, com teu voto,
» Em faze-lo reinar em nossa casa.
» Dize qual o motivo que nos fórça
» A' mesquinha existencia que adoptamos?
» O futuro que trazes na lembrança,
» Que tanto temes, tanto te atormenta,
» E contra o qual te escudas com o presente,
» Quem, de que hade ser máo, te deo certeza?
» Deixa os temores vãos que te amofinam,
» Vivamos uma vida mais alegre,
» Que mais nobre ha de ser nossa existencia.
» Quinze annos (é possivel!) já contamos,
» Desde a quadra feliz que nos unira,
» Sem que uma vez tenhamos alterado,
» O rançoso viver de nossa casa!
» Não são mais uniformes em seus gyros,
» O refulgente sol, e a branca lua,

» Do que nós, triste par, neste recinto.
» Aqui nunca se altera roupa e mesa,
» Nunca ferve panella hospitaleira,
» Nem jámais triste luz de pobre véla
» Outras casas mostrou sem ser as nossas,
» Longo tempo, (O' cegueira do futuro!)
» Julguei que era prudente ser poupada,
» Pensando que a meus filhos deixaria
» Tal, ou qual patrimonio accumulado,
» Mas já que, nem as minhas santas rezas.
» Nem promessas que fiz á santa Rita,
» Puderam augmentar nossa familia,
» Devemos, sem receio, pôr um termo
» A' tanta economia mal fundada.
» Porque razão só nós consumiremos
» Annos, annos inteiros que não voltam,
» Sem essas distracções, ha tanto em moda,
» Sem visitas, nem musica, nem dança,
» Que podiamos ter de quando em quando?
» Eia pois, d'uma vez, o tempo foge,
» Emendemos a mão pelo que resta.
» Pondera bem, e attende ao meu projecto,
» Para entrarmos em vida mais amena,
» Sem causar alvoroço, e dar nos olhos:
» Muito breve trará dia ditoso,
» O anniversario do solemne voto,
» Pelo qual sou esposa, e tu marido.
» Seja, pois, esse dia que me lembra,
» Entre os mais extremado por nós ambos
» Com as honras d'um jantar, e á noite dança!
» A' meia legua tem o teu ministro
» O sitio mais formoso que conheço,

» O que é muito dizer n'um paraiso,
» Como a terra feliz em que vivemos.
» Allí podemos dar a nossa festa,
» Tudo convida, tudo se apresenta:
» Casa grande, varanda sobre a estrada,
» Na sala de jantar sette janellas,
» Boa fruta, hortalice em abundancia,
» Viveiro de pescado, e leite fresco.
» Bella sombra cobrindo o tecto vasto
» Arranjos p'ra gamão, dados, baralhos,
» Tudo completo, emfim, tudo famoso,
» E' casa de ouvidor bem conhecida.
» O'! trata de pedi-la ao teu amigo,
» E podêmos, sem mais, contar com ella,
» Pois taes cousas, pedidas, não se negam.
» E a justiça que tem no pensamento,
» Acceitar a razão, e dar-lhe abrigo,
» Facil acolherá tua proposta.
» Companhia não falta nesta villa,
» Gente fina que sabe apresentar-se:
» Em primeiro lugar vem mestre Berto
» Porque, como tens dito, é quem mais fala,
» Quem mais sabe, mais brilha por talentos.
» Depois seguem vigario, e magistrado,
» Coronel, ajudante, boticario
» E o nosso juiz de paz, que tanto estimas,
» Apezar da questão dos negros novos.
» Quanto a senhoras temos grande copia:
» Hão-de vêr Dona Fausta, velha amiga,
» Com quem sobre estas coisas hei falado,
» As minhas afilhadas, co'as sobrinhas
» Do nosso bom vigario que as proteje,

» Donzellas de apparencia, e bem prendadas.
» Hão-de vêr outras damas escolhidas,
» Mostrar alacridade, em honra nossa,
» Pois, Deos louvado, aquí somos bem quistos,
» Ninguem nos faltará senão por morte.
» Tenho ouvido que as festas quando falham,
» Nunca é pela falta de pessoas,
» Que entra nisso mais mingoa de dinheiro,
» Talvez pouca vontade de seus donos.
» Rogo pois, e supplico a meu marido,
» Que a vida nossa, triste, agora acabe,
» Que a bondade que todos lhe attribuem,
» E que eu sei, por mim, não ter baliza,
» Mais um acto apresente que a confirme,
» Cedendo a meus desejos bem fundados,
» Acolhendo as razões em que me fio,
» Para termos a festa anniversaria,
» Em honra da união qu'ella recorda. »
Aqui termina Clara finalmente,
Crendo em sua eloquencia, e já contando,
Que a tudo cederia seu marido,
Ou fosse convencido de argumentos,
Ou fosse por temer outra parlanda.

FIM DO CANTO QUARTO.

A FESTA DE BALDO.

CANTO QUINTO.

Onde acharei palavras com que exprima,
Do attónito escrivão a pasmaceira,
Mal sabendo onde estava, embasbacado,
Quando Clara pôz termo a tal discurso?
Qual ouvimos dizer da tartaruga,
Que nas margens soberbas do Amazonas,
Sobre o ninho escondido tendo os olhos,
Fica de immóvel extasi tomada;
Tal succedeo a Baldo pensativo,
Escutando o sermão de Dona Clara.
Mas sahindo, a final, do seu lethárgo,
Estas vozes soltou mal entoado:
« Sonho acaso? ou te ouvi falar deveras?
» Mal podes conceber quam sossobrada
» Tenho esta alma, acabando de escutar-te
» A multidão de coisas que disseste?
» Onde foste buscar tanta eloquencia?

» Não sabia que tinha uma doutora
» De tão vasta lição dentro de casa?
» Como é que, entre costuras, e almofadas,
» Tanta coisa se aprende, e se combina!
» Quem tanto te embutio na cachimonia,
» Que discorres tão concha e presumida?
» Tu me fazes lembrar de Junio Bruto,
» Que annos largos passou por mosca morta,
» Mas que um dia, largando a falsa pelle,
» Ergueo seguro a voz entre os Romanos,
» E não parou em quanto, em roda viva,
» Os Tarquinios não trouxe, e o povo todo.
» Não é intento meu metter-te a bulha,
» Porem pasmo de ouvir como discorres,
» Como atacas de chofre meus costumes!
« Tu já não és a mesma que antes eras,
» Caladinha, singela, e só teimosa.
» Ah! Clara, onde se foi tua ignorancia?
» Onde o tempo em que tanto não sabias?
» Onde o tempo em que tu, mais meiga e simples,
» Mettendo colherada nas conversas,
» Davas que rir ao nosso bom ministro,
» Sabio, que bem tolera poucas lettras,
» Naquelles onde julga muito senso.
» Lembras-te que uma vez lhe perguntaste,
» Falando elle em Catão, si esse bom homem,
» Não fôra juiz de paz da Boa vista?...
» Doce ignorancia, mãi de mil venturas,
» Que estimulo não busca a mais desejos,
» Que julga bem aquillo só que abrange,
» Optima crendo a esphera em que respira,
» Qual a prudente aranha que só vive,

» Dentro da teia que ella mesma urdira.
» Já dizes sem errar, philosophia....
» Que direi? já me citas Epicuro,
» Já queres adoptar o seu systema,
» E o modo te não quadra em que vivemos
» Quinze annos de paz, e de ventura,
» Que teus novos projectos não revocam.
» Sim, foram-se tres lustros mansamente,
» Sem musicas, sem danças, nem banquetes,
» Sem essas distracções extravagantes,
» Que só nós, como dizes, não gozâmos.
» Cessa pois teus queixumes infundados,
» Que não vejo motivo de alterarmos,
» A doce vida que a sabôr desfruto.
» O passar d'um extremo a outro extremo,
» Foi sempre perigoso, como sabes;
» Nem é prudente em loucas novidades
» Arriscar o que certo se possue.
» Continuemos, Clara, como estamos,
» Que outros ha que não tem, nem tanto gozo,
» Nem razão p'ra não tê-lo, que a vontade
» Da sabia Providencia que nos rege. »
Tal replica, em voz firme proferida,
Desconcertou de todo a pobre Clara.
Não pôde retorquir-lhe, e por um pello
Esteve a grande festa condemnada.
De profunda tristeza se acabrunha,
Ao ver que succumbiam seus esforços
As' do marido convicções contrarias.
Onde porem o meio de vencê-las?...
Leva-lo com rigôr, fôra superfluo,
Usar de manha, era escrivão e basta!

No enleio estava, e a chorar começa,
Lastimando a dureza do destino,
E as mesquinhas idéas de seu Cleto,
Mal disposto p'ra festas e reformas.
Ponderando estas coisas gasta o dia,
Mas quando o sol, e a calma descahiam,
Novos planos, em gyro solitario,
Comsigo mesma combinar procura.
A' pequena distancia se encontrava
Amena selva ao meio repartida
Por limpido, corrente, umbroso rio.
Era gosto de Clara já de muito,
Procurar a frescura de taes sitios,
Que as tropas de algodão, passando ás vezes,
Tornavam divertidos e animados.
A dama se entretinha co'a maneira
Porque os homens, e o gado que o conduzem,
Usavam navegar aquellas aguas:
Vêm as saccas boiando na corrente,
E os tropeiros, em cima collocados,
Com varas impellindo, e governando,
Dão caminho á lanigera flotilha,
Que os cavallos a nado vão seguindo,
Té ganhar as areias d'outra margem.
Na tarde memoravel da derrota,
Sahio Clara mais cedo, e pensativa,
Andando vagarosa, se aproxima
Do ponto predilecto do passeio.
Alli sósinha, em plena liberdade,
O caso novamente considera
Do festejo que vê quasi frustrado,
Vai dizendo comsigo, « razão tenho

» De não ceder assim, qual mansa ovelha,
» Ao cabeçudo do senhor meu homem.
» Si for vencida no actual empenho,
» Nunca mais do escrivão consigo nada:
» Alem do que, não posso perdoar-lhe,
» A maneira indiscreta d'exprimir-se.
» Como respondeu elle ao meu discurso?
» Mettendo tudo a bulha, e só louvando,
» A misera ignorancia em que eu jazêra:
» Já dizes *sem errar*, philosophia,
» Exclamou elle, sem pensar na offensa.
» Louvado seja Deos! pois os moleques
» Não dizem, *garantias*, *orientes*,
» *Abrem-os-corpos*, *apoiados*, *votos*,
» E outras palavras ôcas tanto em voga?
» Eu não posso dizer, *philosophia!...*
» Contra teias de aranha falou Baldo,
» Manda-las-hei limpar, si as ha na casa,
» Que é bicho feio e máo em toda a parte.
» Tudo ha-de ser varrido, sacodido,
» Arejado, e decente para a festa.
» Tambem falou em loucas novidades,
» E do risco, que havia, em mal ficarmos.
» Haja fartura e muito asseio em tudo,
» Que a festa se fará sem leve risco. »
Desta sorte vai Baldo refutado,
E a teimosa mulher, emfim conclue,
Que longe de assentir a taes caprichos,
Mais lhe val agastada retirar-se
A' casa de seu pai aquella noite,
Nella ficar, até que seu marido,
Não soffrendo esta ausencia, capitule.

Ninguem pode co'a força d'um desejo,
Quando esfria a razão, e ferve o sangue,
Quando impera a fraqueza em nosso peito!...
Dona Clara, por timbre, já não cede,
Vontade, e amor proprio dão-lhe forças,
Inspiram-lhe ousadia, e movimento,
E a nocturna façanha lhe aconselham.
Mal do escrivão as entupidas ventas,
Seu bom dormir no quarto annunciavam,
Que a mulher s'esquivou, caladamente,
Dos lares paternaes tomando a estrada.
Hia, em silencio, e sustos caminhando,
Quando escuta, após si, forte ruído,
E crê que alguem a persegui-la corre,
Receio natural ao fugitivo.
Abrigo protector busca apressada
Nas densas brenhas que o caminho bordam.
Tardo arrependimento a pobre sente,
Maldiz a hora que a lançou em riscos,
E faz promessas férvidas, e muitas,
Ao seu anjo da guarda, a trinta santas,
Si do immenso perigo a resgatarem.
Pouco e pouco o susurro que escutara
Vai se em vozes mudando, e se aproxima.
Quem será?... diz a dona esmorecida,
Pobre de mim, serão ladrões de estrada?...
Seraphins eram elles, e eram quatro,
Ardentes patriotas que voltavam
De nocturna sessão, ebrios, loquazes;
Que o falso amor da patria com cachaça,
Sabe eloquente discutir direitos,
Fazer reclamações a bem dos povos,

E de peitos corruptos haurir brados.
Chegam porém as vozes já distinctas
Dos nocturnos, terriveis passadores,
E quando quasi oppostos caminhavam,
Ao sitio em que se occulta Dona Clara,
Um dos mais calorosos da quadrilha,
Vai dos bofes largando estes queixumes:
« O! minha patria, deixarás tu sempre,
» Que ao povo só governe altiva gente,
» Chamada gente limpa e bem nascida!
» Em qaanto nós, irmãos do mesmo povo,
» Seus nobres defensores, e advogados
» Andamos sem destino, e sem lugares?...
» Errado ó terra minha, vai teu rumo!...
» Em quanto teus tribunos não mandarem,
» Debalde buscarás gloria e ventura.
» Ah! Scipião, ah! Bruto, ah! Cincinato,
» Tamanha ingratidão não teve Roma!... »
Mas aqui, sem querer, Clara interrompe,
Com espirro abafado a justa queixa,
E os quatro reformistas eloquentes
Se foram pelas trevas retirando.
Torna Clara ao caminho, em sobresalto,
Entrada de receios, e cuidados,
Nos tres heroes de Roma ponderando:
« O Scipião conheço pelo nome,
» Pois tanto se falou em ser eleito,
» Bem que passasse por malvado e tolo.
» Do terceiro não sei, mas o tal Bruto,
» Si esta gente lhe dá tão feia alcunha,
» Do proprio pai, talvez, fosse o carrasco! »
Assim comsigo mesma reflectindo,

Pouco, a pouco seu trilho percorrendo,
De Guimarães a casa, em breve, alcança.
Um momento a contempla, bate á porta,
Abraça o velho pai, conta-lhe a historia,
E os forçosos motivos que a trouxeram,
De repente, tão só, e áquellas horas.
« Fizeste mal, dizia o bom do velho,
» Outro meio devèras ter buscado,
» Para a teima vencer de teu marido.
» Sahir de tua casa desta forma,
» Ha-de materia dar á voz do povo....
» Veremos amanhã si o caso arranjo.
» Cleto, si o bem conheço, homem pacato,
» Ha-de tudo querer sem grande custo,
» Para pôr breve termo a este enfado.
» Valha-me Deos com tanta trapalhada,
» Em dia de eleições tudo vai torto! »
« E quem foi, disse Clara o mais votado,
» Nesta grande contenda de eleitores?
» Quem havia de ser?... o que ha tres annos,
» Sabe disso melhor o teu marido,
» Não podendo tirar folha corrida
» Nós todos o chamámos, « João sem folha. »
» Mas não falemos nisso, que aborrece;
» São horas, vai deitar-te, estás cançada. »
« Forte menina, diz confuso o velho,
» Sahio, á sua mãi, no genio altivo,
» Mas apesar do genio, tem boa alma,
» E nisso a mim sahio, todos m'o dizem. »
Ao alvôr da seguinte madrugada,
Pôem-se, em marcha, o mascate diligente:
Covado, e vara na direita apalpa,

Do braço esquerdo finos chales pendem.
Segue a tratar do caso de Clarinha,
Não se esquece do officio; ei-lo gritando:
« Aqui vai Guimarães o barateiro,
» Alfinetes, agulhas, e colchetes,
» Fitas, cassa bordada, e seda verde
» Amarellos setins, olhem que passa!... »
« Aqui vai Guimarães, rendas de França
» Oiro falso, anneis falsos, e correntes,
» Tudo falso, porem no gosto de hoje. »
Assim no seu negocio caminhando,
Do cartorio do genro se aproxima.
Era cedo, mas já na villa correm,
Variadas noticias do successo:
Alguns referem, que fugira Clara,
Por máos tratos, que houvera do marido,
Outros que fôra vista de capote,
Levada por bilhostre de má fama,
Outros a dão por louca rematada.
Mas Baldo, que a mulher bem conhecia,
Incapaz a suppõem de grave culpa,
E pudera jurar qne ao patrio tecto,
Seus arrufos levára em máo repente.
A imprudencia porem lhe não perdôa,
De se haver tanto exposto á vil calumnia.
Dizia, lá comsigo excogitando:
« Porque monta quer Clara que a tal festa
» Se dê, máo grado meu, e a todo o custo!
» Não lh'a devo negar pelo que vejo,
» Antes isso que andar em viva guerra,
» Vendo sempre a mulher, triste e raivosa.
» Assim soubera eu, porque maneira,

» Deste meu parecer dar-lhe noticia,
» Sem passar, por babão, do mundo aos olhos. »
No emtanto que estas coisas combinava,
Irritado, e doído seriamente,
Cleto Baldo respira vendo o sogro,
Como vindo ao acaso, ao pé da porta.
« Aqui vai Guimarães olhem, que passa. »
De novo grita o pregadôr activo,
— Qual passa, « torna Cleto, aqui faça alto,
» E da filha escondida conte a historia. »
» Vamos, volve o mascate, eu t'a refiro,
» Ancioso bem sei, que devo achar-te,
» Mas tudo, neste mundo, tem remedio.
» Antonia, que Deos haja! certo dia,
» Co' a maior sem razão, sahio de casa,
» Mas eu, que facilmente não derreto,
» Deixei passar a raiva e accommodei-me.
» Dir-te-hei até, que brigas desta sorte,
» Não fazem todo o mal que a gente pensa,
» E costumam trazer suas vantagens.
» São mulheres, meu filho, isso diz muito. »
— E nós basbaques somos p'lo que vejo!...
« Isso então diz o resto, volve o sogro.
» E pois que, em tal accordo, nos achâmos
» Ouve agora o que fez a tua Clara,
» As coisas, que me disse, e seus intentos.
Expoem os factos, e ao depois conclue:
» Mas dá graças ao Céo, meu pobre genro,
» Que tão forte desejo só se empenhe
» Em coisa de brinquedo, e de alegria.
» Vamos, que ella embirrasse, por exemplo,
» Em ferrolhar-te, em casa, por ciumes,

» Sem jogo de gamão, sem voltarete;
» Qu' insistisse em privar-te do teu vinho,
» Em fazer-te beber chá muito fraco,
» Café com pouco leite, e pouco assucar;
» Vamos inda, que a teima consistisse,
» Em fazer-te, a miudo, andar de botas,
» Em te ornar de bigodes a caraça,
» Em vez do teu rapé, dar-te cachimbo,
» De gravata obrigar-te a estar constante?...
Misericordia, « meu amigo, basta,
» Irra co'a tal ficção que me arrepia!
» Antes festa, e mais festa, exclama Baldo,
» Cuidemos de acabar com taes arrufos,
» Vejamos, porque modo razoavel,
» Sem quebra de firmeza a paz faremos:
» Cumpre dizer a Clara, que o respeito,
» A seu pai consagrado, venceo tudo,
» Que a não ser do padrinho o valimento
» De balde queixas suas me chegaram;
» Que o passado esqueci, que ora me inclino,
» Á dar mais attenção ao seu pedido
» Com tanto que, hoje mesmo, á casa volte. »
» Bem pensado no todo, diz o sogro,
» Fraqueza com firmeza misturada
» Produz contentamento momentaneo.
» Mas é força que agora me retire,
» Vou levar teus mandados á Clarinha,
» E pois que estás disposto a ser festeiro,
» Já conto ser tambem dos convidados,
» Hei-de tudo arranjar, a bem de todos,
» E dos meus taboleiros attractivos
» O vestido melhor será p'ra ella. »

E', de novo, o mascate no caminho,
E a filha impaciente vigiando
Descobre-o logo, mal que ao longe aponta.
Conta-lhe Guimarães a muita offensa,
Que seu passo imprudente havia dado;
Descreve-lhe o marido, quasi firme,
A separar-se quanto á mesa e thóro,
Concluindo, por fim, que a muito custo,
O escrivão se rendêra a seus desejos,
Com solemne promessa de que á noite,
Ella entrasse de novo para casa,
Onde agora acharia mór tendencia
Da parte de seu genro a dar-lhe ouvidos.
Assim, dizem as chronicas do assumpto,
Tudo se fez, cumprio-se tudo á risca:
Cleto Baldo escutou de novo os planos
Da teimosa mulher, que lh'os explica,
Deo-se por convencido, e finalmente
Soltou estas sentenças memoraveis:
» Um dia, não são dias, eu concordo,
» E á vista disso tudo, que narraste,
» O mais pequeno abuso já não temo:
» A festa se prepare, mãos á obra! »

FIM DO CANTO QUINTO.

A FESTA DE BALDO.

CANTO SEXTO.

Não foi maior na antiga Syracusa,
O ruidoso prazer do grande sabio,
Que o transporte de Clara venturosa
Ouvindo taes sentenças ao marido:
Rio-se, chorou de gosto, deo-lhe abraços,
Houve em casa rebate de alegria.
Baldo tudo merece á grata dama,
Pelas grandes virtudes que mostrara
No pleito em que acabou por ser vencido.
O mesmo almoço, o mesmo chá, e ceia
Parecem outros, sem mudar do que eram.
Melhor tempêro, mais cuidado em tudo,
Prefaziam a vasta differença.
Tudo brilha ao fugir da má vontade,
Feliz contentamento tudo apura.
A roupa do escrivão recende em cheiros.
E tu tambem, o! gato do cartorio,

Em attenção á estima de teu amo
Com sabonete inglez foste esfregado.
Em vez de sapatadas, e bons coques,
Bons bocados te dão, correm-te o pello.
O! quem pudera sempre ter contentes
Certas Evas que alguns Adãos possuem!...
No entretanto, que esforço limitado
Da razão poderosa que nos guia,
E' capaz de fazer de nossa vida,
Antes floreo jardim, ameno e bello,
Doque alpestre torrão de feios cardos?
Feliz eu, que alcancei das mãos da sorte,
A mulher que meu Baldo procurava!
Seu peito vai no rumo da fortuna,
Complacente sorrindo a seus caprichos,
E grata qualquer bem alto louvando.
Feliz eu, que alcancei das mãos da sorte,
A mulher que meu Baldo procurava!
Nas ambulas porém do grão destino,
As ultimas areias já corriam,
Os factos vão passar a quadra chega,
Raia ditosa a vespera da festa.
Principiava a luz do firmamento
Defronte do oriente a debruçar se,
E da tarde saudosa o pardo manto,
Mal cobria os paineis da natureza,
Quando Clara contente começava,
A tudo bem dispôr para o banquete.
Cahiram a seus golpes n'um momento
Quatro frangos que estavam de poleiro
Com idéas talvez de serem gallos,
Fiel imagem da vida em muitos casos! ..

Seis gallinhas da faca ao fio passam,
Venerando perum que dorme á larga,
Cortante ferro sente na papada:
Bateo azas na terra em meio circ'lo,
Duas vezes se ergueo, mas outras tantas,
Na moribunda cr. ta dois ca òlos
Lhe prega tesos a mulher carrasca.
Não pára a destruição na especie muda,
Qual onça no redil que entrou de noite,
Clara fere, derruba, alaga em sangue
Quanto bicho de coiro, ou penna encontra.
Os gordos vai matando para assados,
Fere os magros p'ra molhos e temperos,
Seu ferro immolador só pede vidas.
Tu pagaste, tambem, pobre cotia,
O tributo cruel que a dama colhe
P'ra abundancia, e realce do festejo!
Seguro em ser de casa, e conhecido,
Este manso animal, nescio do risco,
Em má hora se chega sem cautela
Ao duro alcance do facão tremendo:
Estava, a gosto seu, roendo um poste,
Distracção natural e vicio antigo,
Ao tempo em que sua ama com dois talhos
Fazia estrebuxar um nedio pato.
Mas não sei porque fado, ou máo impulso,
De alli vê-la, azedou-se Dona Clara.
» Sempre a roer, » lhe diz, e d'um só golpe
Partio-lhe meio a meio a cabecinha,
Morte affrontosa, morte dura e triste,
Que passados carinhos dispensavam!
Si é justo comparar as coisas grandes

As' pequenas, segundo os mestres dizem,
Horacio n'outro caso, e Clara neste,
Mataram, sem motivo, a dois viventes,
Sem mais forte razão, segundo penso,
Do que acharem se os dois co'as mãos na massa.
Mas á vista de caso tão funesto,
Tomai exemplo, o! vós, cotias vivas!
Vède o perigo que ha em ser ousado,
Pois quem róe, ou quem morde por costume,
Embora o faça em paz, ou tolerancia,
Anda sempre no risco de paga-lo,
Quando ensejo opportuno se offerece.
Vamos, porém, attentos co'a senhora
No duro empenho em que a pintamos lesta:
Qual heroe de epopeya, que prostrando,
Sem grande afan, as ordinarias gentes,
Mais difficil contenda encontra sempre
Com alguem digno delle em fins da briga,
Tal acontece á dama carniceira.
Depois do assassinato da cotia,
No maior animal, entre os proscriptos,
Quiz dar fim á matança começada.
Da suja cozinheira em companhia
O recanto acommette em que se abriga
Leitão cevado, gloria dos banquetes.
Com enganos, e mostras de bondade,
Vão-se delle chegando os dois algozes.
O guloso animal, em vez de ferro,
Dobrada ceia cuida qne lhe trazem,
Deixa entrar confiado o inimigo,
E cahe nas garras da traidora preta.
Sem resistencia cede o sonso ao laço,

Como quem já nas forças não calcula,
Mas ao pô-lo a seu geito a matadora,
E ao vêr brilhar o gume junto ás guelas,
Elastico se torce o padecente,
Espirra para fóra como um raio,
E fugindo lhes deixa para a festa,
Indicios de leitão que inda está vivo.
De balde a cozinheira, de gamella,
Lhe grita pelo nome acostumado,
Parecia que o bom do bacorinho,
Neste acto liberal, traição divisa.
Lá se foi pelas cercas e vallados
O roliço animal abrindo fuga.
Mas Clara com aquelle sentimento,
Que nos tolhe o mover, nos tira a fala,
Queda, e confusa fica por minutos,
Sem saber que pensar d'um tal desastre.
Depois de computar as esperanças,
E os modos de supprir aquella perda,
Vio a dama que a obra era difficil,
Pois, de certo, é preciso bom talento
P'ra supprir apressado o que nos falta,
Justamente co'aquillo que não temos.
Comtudo, foi-se ter com Dona Fausta,
E o caso lhe pintou por ella visto.
Houve muita risada, e bom commento.
Fausta conta a Cosme, Cosme a Berto,
O assumpto deo lugar a muitos chascos.
Berto diz, que « a questão para o bichinho
» E' só de nome, ou de logar e tempo,
» Pois vá para onde for hão de papa-lo.
» Que um leitão desgarrado em terra alheia,

» O mesmo vem a ser que o fruto della,
» E, si qual planta, o succo não lhe deve,
» Só, por allí, se achar prova bastante,
» Que lá pôde ganhar a nedia polpa,
» Ou pôde destruir fazenda alheia,
» Pela qual perderá co'a vida a pelle:
» Que embora a lei romana tenha dito
» Que a coisa onde estiver pertence ao dono,
» Os modernos legistas hoje entendem
» Que o dono, si quizer, corra atraz della. »
Muitas risadas soam co'estes ditos,
E o escrivão entre todos mais se riá.
Os modos de adquerir de mestre Berto,
Faziam-lhe pensar em certos pleitos,
Da nova liberal jurisprudencia,
Com razões menos fortes sustentados.
No entretanto a mulher do boticario.
Nova offrenda remette á Dona Clara,
Mandando-lhe dizer, que hia ajuda-la,
Si acaso seus serviços lhe valessem.
As luzes na cozinha se augmentaram,
Abundancia de festa reina em torno:
Cèstos d'óvos, farinhas, cassarolas,
Panellas a ferver, outras com agua,
Montões de pennas, aves carretilhas,
Fatias de toucinho, e de presunto,
Manteiga, macarrão, formas, amendoas,
Muita lenha, carvão, de tudo muito,
Proclamavam banquete em grande escala.
No meio disto Fausta se apresenta,
E foi dar co'escrivão todo occupado,
Recortando papeis, dispondo enfeites,

Para pratos, e ricas compoteiras.
» Faz gosto, meu compadre, de assim vê-lo, »
(Observa a boticaria) « trabalhando
» Tão activo e contente, em sua festa,
» Eu tambem vou metter-me na cozinha. »
« Isso é grande fineza » exclama Baldo,
» Quam pobre hei de ficar neste festejo.
» Si tantas for devendo a tanta gente?
» São muitos os favores que me fazem,
» E os presentes á porta hoje me fervem.
» Venha vêr um portento de confeitos,
» Que ha pouco recebi de seu marido.
» Como é bello, cheiroso, e delicado?
» Veja, comadre, os ricos ornamentos,
» Do vasto pão-de ló que mandou Berto!
» Veja a Camara allí dos deputados,
» Em debil alfinim, cheia de caras,
» Que ao longe, de mancebos dão-me visos,
» Em acto de falar, ou ter falado.
» Allí veja o museo ôco por dentro;
» O edificio arrombado á mão esquerda,
» Tambem ôco por dentro, é o thesouro,
» Aquelle, quasi em terra, si bem julgo,
» E' o recinto dos nobres senadores.
» Est'outro desta parte mais geitoso
» E', talvez, o instituto lá da Côrte.
» Aquelle torreão, em densas nuvens,
» E' o paço chamado » São Christovão. »
« Vejo, diz Fausta, vejo bem, e cuido
» Ser o unico cheio, os mais vazios,
» A' excepção da tal casa dos rapazes. »
Dos deputados que » o parecem vistos, »

» Cá de longe, senhora, » torna Cleto.
» Bem vê que não nos faltam bellas coisas,
» E que eu mesmo me incumbo de arranja-las.
» Como, emfim, já prestei o meu assenso,
« Tudo se hade fazer segundo as regras.
» E quando ás ordens suas Dona Clara
» Possue tão insignes ajudantes
» Seu banquete, por força, ha-de ser bello!
— Aceito o cumprimento do compadre,
Vai-se Fausta encontrar com sua amiga,
E da nova alliança cozinheira,
Sahe um plano famoso de manjares,
Combinando sustancia, gosto e vista.
Tiveram as comadres seus debates,
E o pensar do escrivão, sendo pedido,
Servio de esclarecer varios pontinhos.
Adoptando um systema de concordia,
Alternava seu voto entre as senhoras,
Dando á Clara razão sobre um guizado,
Cedendo a Dona Fausta quanto ao molho,
Quem ganhava uma vez, outra perdia,
E assim contentes triumphavam ambas.
Já na visinha igreja meia noite,
No sino annunciar se tinha ouvido:
Cantavam, por seu turno, os gallos todos,
Enganados da lua que brilhava;
Mas, desta vez, faltou-lhes ao concerto
O gallo do escrivão que ora jazia,
Em cheirosa panella mergulhado!
Tudo, em torno, dormia e descançava,
Mas Clara, e Dona Fausta em roda viva,
Mal puderam vencer em muitas horas,

Os arranjos sem fim, os muitos pratos,
Os aprestos das aves, e os temperos,
Que, sempre, em toda a parte, e em toda a festa,
Na noite anterior completos ficam.

FIM DO CANTO SEXTO.

A FESTA DE BALDO.

CANTO SETIMO.

Apenas rompe o dia natalicio
De reinante monarca adormecido,
Saúdam os canhões a grata aurora
As esquadras, os fortes vibram fogo,
E o soberbo estandarte revoando
Proclama ao povo todo, grande gala.
Enche lusida tropa as limpas ruas,
Passam coches garridos, vão fidalgos,
Prelados, diplomátas, magistrados,
Despejar homenagens em palacio.
Muita gente se move, menos elle,
Que negocios não tem com fazer annos.
Ha tambem serio afan, tetro disfarce,
Palavras mentirosas, vãos protestos,
Nesses anniversarios d alto sangue;
Pois do excelso poder a sorte dura
Obriga a tudo ouvir, e a dar assenso

A coisas, e a expressões, que por fingidas,
Não entram nos casaes da media gente.
O dia do escrivão, bem de outra sorte,
Aponta claro, e bello sem bombardas:
Qual o rio modesto que de longe,
No silencio dos campos vêm correndo,
E lindo nos parece embora manso,
Fresco e puro, sem pompa, ou magestade
Dos ventos clamorosos, e falsarios,
Que outras aguas enfeitam mais soberbas.
O' quanto foi diverso aquelle dia?!...
Por cima das montanhas se escutava,
O innocente rumor dos passarinhos,
Que as sonoras gargantas estendiam,
Pelos bosques, e valles acordados.
Venus do Céo fugia, e pela terra
Com brio luminoso o sol mostrava
De Baldo satisfeito o anniversario.
Era cedo, porem com tal motivo,
Pela fresca manham deliciosa,
Já vinha certa gente combinada,
Em festivo concerto dar á porta
Do seu esperdiçado amigo Cleto.
Co' este grato designio se colloca
Defronte do cartorio, qual milicia
Costuma praticar em grandes festas,
Tempéra os instrumentos que trazia,
E dá começo ao brinde harmonioso:
Sôa a flauta da villa, e a guitarra,
E a voz sincera, que a compasso offerta,
Louvores mil que aquella aurora inspira.
Em seguida se elevam as sonatas,

As arias maviosas d'outros tempos,
Que os peitos innocentes suavizam.
O' melodia, prole da Germania!
Deleitas quasi sempre, e dentro n'alma
Crias brando sentir, e pintas quadros
Que aos sons devem a luz; pelos ouvidos
Eloquente e fiel, como retratas
O que, em puro silencio, não se vira?
Musica doce, gosto de outras eras!
Si não falas á mente sublimada,
A' brilhante cultura do intellecto,
Que abalos pede, e trances fervorosos,
Moves nossa alma, moves quasi sempre
A suave tendencia que alli dorme,
E todos temos alma, e bem que a temos,
Inclinada ao sabor de quanto é bello!
Alma nossa mais pura, e verdadeira,
Mais capaz de acertar, menos fallivel,
Do que a propria razão, quando enfarada
Pelo muito saber, ou erros delle.
Vê, porem, ó leitor, si é do ajuste
Que te agrade, ou divirta fóra d'arte?
Si bem me não couberam bons estalos
Da sabia palmatoria de aureos mestres?
Sahir fóra de assumpto que narramos,
E' peccado maior que não perdoam.
Vê, si é erro, comtudo, em mero gyro,
Por deleite, ou passeio que fazemos,
Deixar a lisa estrada, pelas bordas,
Ou mesmo, inda mais longe, colher flores,
Seguir a borboleta em mero brinco,
Molhar as mãos no arroio que murmura,

E voltar ao caminho começado,
Menos bello, por vezes, que o desvio?
Dá perdão, si concordas na desculpa,
E vêm comigo ao caso que deixamos,
Pois bem me lembro, que de Baldo á porta,
Se havia reunido gente amiga,
Tocando symphonias e cantando,
Maviosas cantigas de alvorada.
Ninguem mais dormitou na visinhança.
« Que bello dispertar, ó que alegria! »
Exclama o escrivão tomando roupas.
« Que prazer me sossobra, me possue?...
» Meu coração no peito hoje me salta!
» Donde vêm que estas coisas me transportam?
» Tanto sentir, será dos meus ouvidos?...
» Ou, por acaso, o som dos instrumentos,
» Pode per si causar nos tanto enlevo,
» Sem mistura de algum nobre conceito,
» Ou sem que nos apalpe certo orgulho?
» O sopro de clarins, tanger das cordas,
» Prazer, liso prazer, costumam dar-me;
» Porém tanto transporte donde nasce?
» Não podes, ó bestunto, esclarecer-me?...
E tocando co'a mão na ignea testa,
Foi com lhano sorriso accrescentando:
» Estas musicas, sim, me abalam tanto,
» E tanto enthusiasmo em mim derramam,
» Pelo honroso motivo que contemplo,
» No puro sentimento, na amizade
» Que este sonoro brinde hoje me vota!
» Minha alma assoberbada me insinúa,
» Que tal honra não foi por mim pedida,

» Que ao amigo da villa a quem se acata,
» Um galho o ferecido tem mór preço,
» Do que o basto pomar que foi comprado.
» Porque, si é coisa honesta pelo mundo,
» Gozar do que se vende, ou mercad ja,
» E' mais doce comtudo, é glorioso
» Receber, possuir ou ter comnosco,
» Bens de amor, de amizade, ou nobre fama,
» Que ninguem mercadeja, sem o risco
» De perder a final na praça eterna,
» Que nunca taes contractos ratifica. »
« Sim, mulher, eis a causa descoberta,
(Continúa o escrivão arrebatado,)
» Meu peito estremecido co' estas honras,)
» Sente que as não merece, mas ufano
» Por tão alto favor, não postulado,
» Nas taboas da memoria vou calca-lo.
» Vivam alli por cima de outros factos,
» Estes bellos arpejos, estas vozes,
» Espontaneas, amigas, que nos deram
» Os primeiros signaes da madrugada!
» Vamos promptos, mulher, vamos agora
» Saudar aquelles que tão bem nos tratam.
» Não percamos o tempo com preparos;
» A pura gratidão sempre tem pressa,
» E o favor que descobre a passo lento,
» Costuma agradecer, hindo ao encontro
» De carreira veloz, perdendo o fol'go.
» Estes muitos, porem, que aqui vieram,
» Andaram diligentes, pois é claro,
» Que a sincera alegria irreflectida,
» Não anda, quer correr, si corre, vôa.

» Inda pois mal compostos, que nos vejam,
» Que nos ouçam, mulher, e que descubram,
» Nessa nossa apparencia accelerada,
» O profundo sentir, o grato effeito,
» Que uma acção generosa nos infunde. »
E assim dizendo Cleto, pressuroso,
Confuso, cheio de transporte, tira
Do leito uma coberta em que se involve,
E de cima da mesa, por engano,
Em logar do casquete que procura,
Apalpa da consorte uma cestinha,
Contendo alguns novellos, e cadarços,
Varios trapos, aparas da costura,
Pondo tudo, sem ver, sobre a cabeça.
Dona Clara, tambem nestes enganos
Cahindo, pelo enlevo de sua alma,
Os hombros vai cobrir do largo chambre
Do agitado escrivão que o não achára.
Ambos, assim compostos, se apresentam
A' janella do quarto, sobranceiros
Ao grupo musical que os esperava.
O toque da orchestra agora pára,
As vozes dos cantores emmudecem,
Pois todos reparavam embebidos
No toucar tão extranho, extravagante,
Do sisudo escrivão, que conheciam
Incapaz de affrontar seu cumprimento,
Com mostras de malicia como aquella:
Todos olhavam, e confusos todos,
Para o manto ridic'lo que os vexava,
De ver n'uma senhora como Clara.
Eram assim no enleio dos sentidos,

Sem saber que pensar daquellas coisas,
Quando Baldo se inclina da janella,
Tomando posição para falar-lhes:
Pedia a polidez que a gente amiga,
Saudação recebesse por seu turno,
E o brioso escrivão, tocando a testa,
Descobre, alfim, o erro em que cahira.
Desculpou-se com graça concluindo,
« Que nunca havia sido tão honrado,
» Que estava de prazer todo convulso,
» E capaz de maiores desatinos. »
A estas expressões de cortezia,
A turba que da rua o escutava,
Forte ergueo pelos ares o seu nome,
E os echos repetiram « viva Baldo! »
Agradece o escrivão com singeleza
Estes altos favores que lhe fazem,
Convida a gente amiga para a festa,
Que assegura será deliciosa,
Não só por seus recreios e manjares,
Mas tambem pelo espirito jucundo,
Que contava inspirar á companhia.
Ajunta, com firmeza e varios gestos,
« Não devo, por mais tempo, incommodar-vos,
» De que servem discursos quando posso
» Appellar para factos, que mais valem?
» Em breve nos veremos no festejo
» Por vós tão bellamente começado.
» Alli pretendo, bem que a muitos peze,
» Vencer no copo, dança, e galanteios,
» A quem quer que se metta a disputar-m'o.
» Nada tenho que ver co'a minha idade,

» Um dia não sâo dias. e este d'hoje
» Havemos de marcar com fios de oiro! »
» Muito bem senhór Baldo, exclama Berto,
(Que agora um pouco á frente se traslada)
» Eloquentes palavras, bons intentos,
» Foi tudo quanto ouvimos de seus labios,
» E dignos de Epicuro no conceito,
» E na branda moral com que rematam.
» Não me haveis de engolir, ó madre terra,
» Sem que eu beba no calis glorioso,
» O trago da victoria que me cabe,
» Por ganhar a seu culto neste dia,
» O timbre dos cartorios — Cleto Baldo —.
» Honra, tres vezes honra, para a seita,
» Não tem sido baldados meus esforços!
Estamos pois, segundo ha pouco disse,
» Desafiados todos no convivio!
» Amavel escrivão conte comnosco:
» Combate de alegria jurou dar-nos,
» Que o cartel foi geral, conte comigo!
» Não regeito batalha em meu terreno,
» Cleto Baldo, não sabe em que se mette?
» E, pois que assim o quer, heide vence lo,
» *Nada tenho tambem co'a minha idade*,
» Nós em Phillipos nos veremos hoje! »
Houve então muitas palmas e risadas,
Com este disparar de argutos ditos,
Mas, por fim, despediram-se os de fóra,
E entraram para dentro os da janella.
Vai a tropa festiva dando aos ares,
Sonoroso concerto em retirada.
Pouco a pouco o ruido se amortece,

A trompa já não sôa apenas geme,
E os outros instrumentos na distancia,
Aos ouvidos de Cleto já se negam.
A rua do escrivão, ora escoada,
Em silencio ordinario cahe de novo,
Palpita o coração da feliz dama,
Seu empenho se cumpre, se acredita!
A festa já raiou, já foi saudada,
Tudo vai ao correr de seus desejos;
Tudo bem começou, e bom começo,
Igual fim, quasi sempre, nos inculca.
E nós ditosos, que o porvir não vemos,
P'ra o rio do futuro dirigimos
Fragil barca da vida. Co'a luz de hoje
As aguas d'amanhan vamos buscando,
Seguros d'alcançar amigo porto.
O que é, e o que hade ser unidos andam
No cômputo innocente que fazemos.
Sentimos o passado, hoje gozamos,
Amanhan esperamos que nos toque
A mesma luz que o céo hontem nos dera!
Amigas pois, leitor, são essas trevas,
Que escondem o futuro, e muitos males,
Com que vibrada foi natura nossa,
Porem males não são, em quanto longe,
Ignorados, involtos na espessura
Da invisivel morada onde se criam.
Não queiras ler no livro do destino,
Nem dês a tua mão desafiado
Pela voz da cigana que te illude.
E si crês na engenhosa geringonça,
Chamada *magnetismo*, deixa tudo

Fazer que causa riso, mas regeita
Conhecer teus destinos. Não vês Clara
Seguir diversa lei, aproveitando
A vida nos sorrisos do presente?
Vai submisso co'a luz da tua estrella,
Segue animado a senda que ella mostra.
O' não te agites, deixa-te ir co'a sorte
Pela estrada certissima dos factos,
E sentidos serão na propria quadra,
Mas porque conhece-los no futuro?
Emborca o calis de hoje, que o não bebes,
Crê comigo, sem mescla inevitavel
Do doce com o amargo da ventura!
Acredita, concorda que é preceito,
E' castigo, é bondade esta cegueira,
Pois Deos tolera só que tu calcules,
As coisas limitadas que t'importam.
Mas, querer a sciencia de adivinhos,
Murmurar da incerteza que nos cerca,
Dizer aquella um bem, maldizer esta
E' cegueira maior, maior engano:
Que sempre engano foi a triste idéa
De ter em pouco apreço a ignorancia
Só feia quando má, não por si mesma,
Que o Céo nos deo, que amamos na innocencia.

FIM DO CANTO SETIMO.

A FESTA DE BALDO.

CANTO OITAVO.

Agora maior graça, e novo alento,
Generoso derrama nesta empreza,
Engenho meu, e dá-me no remate
Benigno fogo que, ao principio, déste,
Qual, no meio, ardente me infundiste.
Vôa soberbo, ou vem comigo junto,
Ganhar, si não me engano, a nobre dita,
De vêr o feito nosso percorrendo
Essa terra feliz que chamo patria.
Já que os rijos boléos da má ventura,
Até, por fim, a porta me encerraram
Do templo da justiça, rasga ousado,
Engenho meu, caminho triumphante,
Por meio das fileiras indiscretas,
Daquelles que a fortuna caprichosa,
Cega sem tacto, p'ra seus fins protege.
Eu, que de tal senhora não recebo

Mil favores, que a vejo dar aos outros,
Que tão mal concebi suas promessas,
Que lancei pelas geiras do futuro
Sem proveito, sementes d'esperanças,
Pretendo que meu nome, ora esquecido,
Meu nome, que o poder tão mal afaga,
Viva longo nas aras do conceito,
Talvez no coração da minha gente.
Viva sempre seguro na memoria,
Daquelles que applaudirem meus esforços.
Eis a sorte feliz que tanto anhelo,
E o maior galardão porque trabalho.
Eis o forte incentivo que, em meu peito,
Faz nascer este amor do imaginario,
Esta nobre missão de ser poeta,
Creando pelo mundo novos entes,
Novos homens, e coisas apraziveis,
Que se tornam reaes pela memoria,
Que vivem pela terra em tal certeza,
Qual vive com a materia a sombra della.
Mas é tempo, leitor, que entres comigo
Na festa que me ganha teus sorrisos.
Observa d'uma vez meu Cleto Baldo,
Dando realce a tudo por seus modos,
Observa Dona Clara em seu triumpho,
Qual vistosa Rainha de comedia,
Com formas estudadas pelas salas.
Olha benignamente, e attento escuta,
Que nem sempre taes coisas se fizeram,
Quaes essas que narrei para teu recreio,
E est'outras que direi no seguimento.
A casa apparatosa do vigario,

Defrontava com um bosque de mangueiras,
Onde o pomo da India, em maior gloria,
Mostra ao sol do Brazil as duas côres,
D'uma face dourada, e d'outra, rubra.
Nos salões ao convivio dedicados,
Era tudo bem pôsto, e apresentava,
Certo aspecto influindo de ventura
Que os humanos ostentam, raras vezes,
Em dias de alegria, mas que os anjos,
Ou aquelles que o Ceo tem por morada,
Constante mostram, porque sempre gozam
Prazer sem fel que o mundo não conhece.
Já no festivo solho percorriam,
Numerosos senhores convidados,
Louvando a bella ordem, e elegancia,
De tudo que seus olhos avistavam.
Com igual sentimento varias damas,
Formosas no semblante alli vagavam,
Concertando engraçadas seus vestidos,
E quer nas vozes, quer nas varias cores,
De araras lindo bando pareciam,
Soberbas dando ao sol as pennas de oiro.
Em pequenas distancias, a pé firme,
Varios grupos ficaram reunidos,
Conversando, entre si, devidamente.
Si o thema contemplado era sciencia,
Ou arte razoavel, definida,
Aquelles que falavam pareciam
Circumspectos, civís, e comedidos,
Ouvindo com attenção, e cortezia,
Cedendo, quando a força do argumento
Continha convicções bem ponderadas.

Si o assumpto, porém, era politica,
Vaidosa profissão de certa gente,
Que se occupa do Estado, e do Governo,
Não sei que geringonça de máo toque,
Se ouvia proferir de muitos labios,
E não sei duvidoso, como pinte,
O complexo de frases, e sentenças,
Dos grandes palavrões, da muita audacia,
Dos ares, e donaires de tal gente.
Gente que tanto fala, e pouco escuta,
Gente, que escuta mais, do que devêra,
Gente, que mais esquece, do que lembra,
Gente inconstante e má que aos povos hoje,
Umas vezes dá c'rôa soberana,
E mil outras condemna a vil desprezo;
Gente. que até dos thrônos vai fazèndo
Náos de viagem, das rainhas fusos,
E dos reis seus discip'los de oratoria!...
Gente, emfim, que p'rá tudo é convidada,
E que Baldo pedio fosse ao festejo.
Pelos claros espelhos suspendidos,
Alguns senhores se miravam ledos,
Namorando as feições que possuiam,
Seguros de agradar ao outro sexo.
Bellas modas de calças, e casacas,
Faziam summa gloria de seus donos,
E apezar que nós talhes divergissem,
Concordes eram todos lá comsigo,
De serem, pelos rostos e elegancia,
Narcizos, sem senão, e mais sensiveis,
Que o frio matador de Echo amorosa.
Nada inutil creou a Providencia,

Animaes exquisitos, passarolas
De máo aspecto, e monstros singulares,
Amphibios numerosos, e macacos
Hirsutos e travessos, tudo serve,
E todos tem seu prestimo. Aquelles
Que só nos vultos curam, esses homens,
Que Cesar conheceo vendo em Pharsalia,
Preenchem seus lugares nos banquetes,
Servem a certos fins, e tambem prestam
Para adubo de risos, p'ra recreio
Da gente mais cordata que os contempla.
Sem elles mal iriam os festejos,
E, sem elles, eu juro, que ha donzellas,
(De taes pares condignas totalmente)
Que tristes dormiriam pelos bailes.
O! gente afortunada, si soubesse,
Conhecer seu valor, e grande peso!
No entretanto gozai do largo mundo,
E, por fim, quando a morte vos alcance,
Ireis todos p'ra o Ceo, que é o vosso reino.
Brilhavam, nesse tempo, em toda a parte,
Mil adornos de Flora, não riquezas
De prata burilada. Puros vidros
Com agua inda mais pura, recebiam
Ramos verdes, e flores da floresta,
Tão lindas, tão mimosas, e suaves,
Que dos olhos levavam dentro d'alma,
Brando sentir, humano, e bemfazejo.
As flores companheiras são do homem,
E só delle recebem doce trato:
Os brutos seus encantos não percebem;
Não tendo a luz do Ceo, e Deos no peito,

Mal podem vêr bellezas na materia.
O rígido tapir sae das ribeiras,
Corre pelas campinas matizadas,
Pisa os ricos tapetes de natura,
Da gentil açucena morde a face,
E rompe mil capellas engraçadas,
Com que Alonzo enfeitara a linda Cora.
Do festim os salões naquelle dia,
Estavam convertidos n'um bosquete,
Idéa natural de mestre Berto,
P'ra trazer dos campos a frescura,
Ao tecto hospitaleiro que o honrava.
Ramos cheirosos do araçá bravio,
Tecidos co'a limeira, e co'a pitomba,
Faziam linda trança co'a folhagem,
Da vermelha pitanga, e da mangaba.
Vergonteas de canella, e da baunilha,
Diziam, que o Brasil tambem é Asia.
Galhos do cajueiro, e do artocapo,
E palmas reluzentes do alto côco,
Completavam o arranjo deleitavel
Do campestre recinto simulado,
Por frutos, e por arvores da terra.
Niveas toalhas cobriam largas mesas,
Onde, por duas filas, se avistavam,
Sobre parras, e flores escolhidas,
O ananaz soberano, e aromatico,
Do Maranhão trazido áquelles lares.
Frutas de conde (cujo mel cheiroso
E' nata vegetal) estavam postas,
Defronte de quadrados amarellos
De suaves bananas delicadas,

Linda pera dos tropicos felizes.
Laranjas, abacates, verdes limas,
Morenos sapotis, que o bom Filinto
Em vez de trouxas d'ovos comeria,
Tomavam seu lugar ao pé de cestas,
De mangas soberbissimas, e raras,
Que de Itamaracá recebem nome.
Outras frutas formosas e fragrantes,
Com mil doces, e pratos delicados,
Prefaziam o quadro mais completo,
E o mais grato dessér do mundo inteiro.
Sobre as mesas, desta arte, guarnecidas,
Trascalando os effluvios de Pomona,
Escravos apurados assentaram,
Grande copia de pratos fumegando
Com viandas, e molhos de appetite.
Appareceram quartos de vitella,
Alvo lombo do cerdo, e gorda vacca,
Varias aves, e caça peregrina,
Cujo sabor lhe vem da vida alpestre,
Pescado, e camarões do manso rio,
Em loiras frigideiras borbulhando,
Empadas de palmito, grandes tortas,
Arroz de forno com jardim de salsa,
E, p'ra timbre final do rico apresto,
Avultava o melhor dos grandes pratos,
Leitão de espeto, gloria dos banquetes.
Com tal disposição tudo era prompto,
Quando Baldo acenando a mestre Berto,
Confessou ser incerto, e vacillante,
Sobre qual dos senhores reunidos,
Teria lugar de honra ao pé de Clara.

« Hoje voga o principio de igualdade,
Sisudo reflectio o heroe da festa,
» Receio dar offensa neste trance,
» E no enleio cruel depreco aviso. »
Mestre Berto falou desta maneira:
« As sciencias, as armas, e as riquezas,
» Disputam a miudo a primazia,
» E os homens arrolados em taes classes,
» Para si tem querido a precedencia,
» Não só nos actos serios, e distinctos,
» Porém inda nos bailes e banquetes,
» Onde ás vezes se encontram misturados.
» Cede tudo, porém, a cortezia,
» Quando a igreja se mostra em qualquer parte.
» As armas, e as letras retrocedem,
» Os ricos, e os soberbos se desviam,
» Os proprios diplomátas dão-lhe o passo,
» Pois de tudo sabendo não ignoram,
» Que o dizer, *que seu reino é do outro mundo*,
» Importa que ella sempre é sobranceira,
» Com as azas estendidas, e voando,
» Qual sublime Condor, sempre elevado
» Por cima do que é grande cá da terra.
» Dê pois ao seu fiel representante
» O lugar mais distincto que lhe cabe:
» Entregue Dona Clara ao bom vigario. »
Assim se fez, e as musicas do bosque,
Tangeram a entrada p'ra o banquete,
E todos com semblantes de alegria,
Tomaram pelas mesas seus assentos,
Applaudindo o soberbo lanço d'olho,
O gosto, a novidade do apparato,

E tudo emfim que alli se descobria.
Depois de curta pausa tinem pratos,
Retinem garfos, facas, e colheres,
Susurro de festim alto começa,
Olhos scintillam, mãos soccorrem bôccas,
Mestre Berto comia, e não falava,
E Baldo, sempre alerta em seus deveres,
Attendia ao serviço das senhoras,
Affavel presidindo ao seu convivio.
Dona Clara vestida em ricas sedas,
Seu bom gosto mostrava nos cabellos.
Enorme, coruscante, e alto pente,
De artistico lavor tinha cravado
Pelas tranças lusentes, de azeviche.
Conta-se, que era tal o seu tamanho,
Que o vigario, por vezes, qual Damocles
Temendo que cahisse, deo suspiros!
Era porém o andame bem seguro,
E a matrona, soberba do enfeite,
Para todos olhava com sorrisos,
Linguagem do prazer que a possuia.
Passava-se o banquete alegremente,
Cosme contava historias divertidas,
Reinava um tiroteio de bons ditos,
Corria o loiro vinho effervescente.
O' que festa ditosa era a de Baldo!
Que prazer, que gracejos, que doçura,
Que toque divinal lhe cala o peito?!...
Glorioso escrivão, si o teu empenho,
Me foi dado cantar a teu contento,
Si tua alma pintei qual tu a sentes,
Perdôa ao bom chronista si não póde

Deixar de publicar tua derrota.
Culpa tua não foi, que foi urdida,
Causada unicamente pelo fado,
Pela triste ousadia de partidos
Em tempos duros, tempos revoltosos,
Que tudo impedem, tudo precipitam!
Cantarei o final do teu banquete,
P'ra que o rijo clarim que te dedico,
Soando imparcial teu desconcerto,
Seja crido por todos quando vibra,
O sincero louvor bem merecido,
Das virtudes singelas que tiveste,
E da honra, sem par, do teu cartorio.
Em quanto pois a festa progredia,
Rouco volume de medonhas vozes,
Com tropel, e nitrído de ginetes,
Os ares atravessa, e passa ao bosque
Incutindo temor nos convidados.
Adeos bello prazer, adeos convivio,
Sobresalto cruel em todos lavra,
E o sexo da brandura colhe medos!
« Que berreiros são estes que escutamos?
» Que tiros já tão perto são aquelles? »
Perguntou altamente o bom vigario.
« Nova rusga, » respondem muitas vozes,
» D'um novo presidente quer-se a queda! »
« Maldita estrella nossa, clama Berto,
» Onde iremos parar com taes mudanças?
» Qualquer que seja o bem que á patria venha
» Desta rusga infernal agora em campo,
» Deviam têl-a feito ha quinze dias,
» Ou então adial-a p'ra mais tarde,

» Que o nosso Apollo assim ficára salvo:
» Eu te odeio ambição de baixo intento,
» E vós, ó patriotas de taverna,
» O' Grachos de comedia, vis escravos,
» Vosso Deus e senhor chama-se — oiro, —
» Vosso mestre não foi Cesar clemente,
» Nem Augusto sagaz correndo ao mando.
» O heroe que imitais é Catilina,
» Mas, como elle, achareis forte Petreio,
» Que vos corte a carreira fratricida! »
Adeos bosque gentil! flores do campo!
Adeos Bacho e Pomona deleitosos!
E vós bello perú, leitão intacto,
Fofos pasteis, e aureas frigideiras,
Ficareis para pasto de guilhotes.
Que deshonra p'ra vós.... sereis comidos,
Por homens esfaimados sem fineza,
Que com carne, e feijão foram contentes!
O' meu rico banquete adeos p'ra sempre,
Minha alma aqui vos fica, eu levo os queixos!...
Bradando estas sentenças singulares,
Mestre Berto sahio sem ser mais visto:
Debandada geral seguio-se logo,
E o proprio escrivão, dono da festa,
Tratou da retirada, e sem bagagem,
Fugio airosamente pelos fundos
Do amigo, escuro bosque das mangueiras.
Não consta que este heroe, qual o de Troia,
Voltasse na procura da consorte.
Consta só, que, depois de grandes riscos,
Unidos foram ter á nobre villa,
Concordes d'esperar pela ventura

De uma paz duradoura, e sem perigos,
De dias mais serenos e seguros.
E, si bem que viveram mais á larga,
Por mais que examinasse, não me consta
Que o escrivão de Goyana, e Dona Clara
Procurassem jámais dar outra festa.

FIM.